

MOMENTO feminino

Cr\$ 1,00

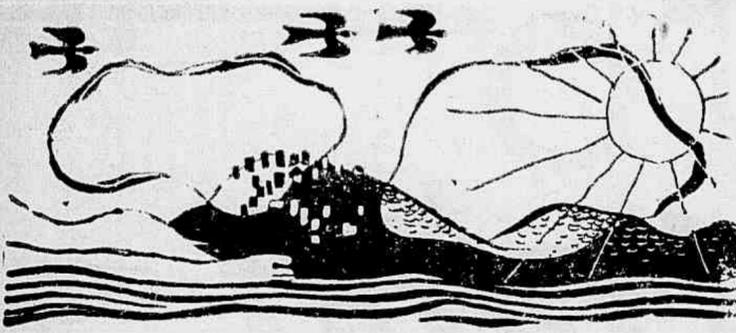
ANO II NÚMERO 49



Rio de Janeiro — Sexta-feira, 17 de Setembro de 1948



NORMA DE MORAES EMERY, NOSSA CANDIDATA A RAINHA DO PETROLEO



NOSSOS PROBLEMAS

ARCELINA

De semana em semana

E N E I D A

Preciso contar a vocês, amigas, que passei três dias em Belém do Pará. Nasci nessa cidade e cantei-a quando menina, em voozinhos ingênuos mais sentimento que poesia. Foi uma outra a cidade que agora vi. Cidade morta e triste e tão pobre que revê-la é apertar o coração, sentir um nó na garganta e ficar indecisa e perplexa: mas como Belém está triste! A explicação é simples: a vida é cara, o dinheiro é curto. Um quilo de carne de segunda, custa Cr\$ 10,00, a manteiga está a Cr\$ 38,00 o quilo, uma casa sem conforto tem um aluguel de Cr\$ 1.500,00. Não há mais bondes, os ônibus (condução única) cobram Cr\$ 1,00 a seção, a luz é fraquinha quando existe, porque geralmente não há força. Os salários estacionaram e num levantamento cuidadoso, se verifica que o nível do salário médio é de Cr\$ 300,00. Belém não possui indústria. Não tem comércio. Belém não produz. Se há comida falta dinheiro para comprá-la. Não há dinheiro. E o povo triste, sub-alimentado, mal vestido, arrasta um cansaço físico e um ar sofredor.

Nenhum ódio ao saudosismo pode evitar que a gente lembre a Belém da borracha alta, das meninas educadas na Europa, das mesas fartas, das festas e dos passeios. "N'quê tempo havia dinheiro"...

Mas há um bairro em Belém que amo acima de todos. Um bairro que nasceu há pouco. Com a chão vermelho de terra batida, as casinhas pobres e limpas enfileiradas ou distanciadas, um bairro de gente que trabalha aqui e ali (quando há trabalho), bairro das lavadeiras e dos biscateiros, des que tem uma profissão e dos que a improvisam para uns meses de salário. Essa gente simples é a que senta nas noites de lua no Pedreira Bar, ouve rádio, bebe cervejinha (uma só porque não há dinheiro para pagar uma cerveja a Cr\$ 7,00) e fica horas e horas amando a noite e a lua. Pedreira é o único bairro alegre de Belém, onde há gente andando, dizendo "boa noite", esperando alguma coisa. Á ainda violões, aparecem seresteiros e as velhas modinhas ainda têm força e expressão. Velhas modinhas falando de amor, de felicidade, de desejos, coisas que afinal todo mundo almeja e que se tornam tão difíceis neste mundo de hoje.

Para vocês, velhos amigos da Pedreira, para o Zuzu "pirata serperna de pau", o tuchaua da Pedreira, para vocês velhos amigos que preparam sempre uma serenata pra mim, vai aqui um pouco da velha estima. Não os compreendo muito nessa quase indiferença aos problemas da vida, mas os sinto como seres humanos, amando a terra batida, invocando os santos pela alegria, um dos maiores poemas que já assisti. O Lula pagé, levantando os braços na certeza que nada vai vir. Mas o Lula dança e os santos vão vir porque todos estão alegres. Não há sapatos e os pés se arrastam nus na terra, esperando o que? desejando o que? Sapatos, talvez.

Mas era dos seresteiros que queria falar. Das vozes bonitas que os rápios clubes não arrastaram. Dos improvisadores, dos poetas das modinhas. Do linotipista Casquinho cantando uma coisa assim:

"Ele quer que eu vá embora
Vá com ele pelo Brasil inteiro...
Muitas vezes, chorando ele implora:
O' nega! vamos ao menos até ao Rio de Janeiro.
Mas eu não posso sair daqui,
Eu não posso deixar o Pará
quando me lembro do assai
sinto logo o cheiro do gostoso tacaca
Digo: não! Ele bate o pé
E nosso amor fica por um fio...
Juro pela Virgem de Nazaré
Que não troco a cuia de assai
pelas belezas do Rio.

Assis e Valdomira enchem a noite com vozes tão agradáveis que a vontade é ficar. Não trocar as belezas do Rio... Que importa que ele queira se ela não pode deixar o Pará: Não pode deixar o assai que custava duzentos, quatrocentos réis (o tempo dos níqueis...) e que custa hoje Cr\$ 4,00 o litro! Mesmo assim, o mundo prometido não vale nada ao seu bairrismo. Ao menos, ali ainda há assai. Longe talvez não haja nada pra se comer...

Assis e Valdomira seriam sucesso numa estação de rádio carioca. Estão em Belém, cantando na Pedreira, vão cantar na festa de Nazaré. Não trocam a cuia de assai.

Mas um dos seresteiros disse baixinho: "sabe? a serenata é proibida aqui!" e perguntou com esperança: "no Rio ainda há serenata?". Proibida a serenata. Naquela noite o delegado multou o dono do Bar. Mas o dono do Bar estava feliz oferecendo para esta paraense sempre ausente, uma alegria de noite de lua. Em Belém do Pará não há cinemas nem diversões. E a serenata é proibida, mesmo nos bairros pobres como a Pedreira. Vou pensando: que mal pode haver senhor governador do Pará, que mal pode haver naquela gente de voz bonita cantar valsinhas, dedilhar violões, improvisar e sompor? Por que proibir?

Na miséria triste e dolorosa de Belém do Pará, também a serenata é proibida. Não se deve ser alegre no Brasil de hoje.

Numa longa viagem de bonde, dessas de Casca-dura, Engenho de Dentro ou Realengo à cidade e quando se tem a sorte de pegar um lugarzinho num banco, é sempre aconselhável passar os olhos nos jornais do dia, porque muita coisa nova nos vem ao conhecimento e muita coisa falsa podemos repelir.

O "Diário da Noite" do dia nove do corrente, trás uma dessas análises irrisórias, que nos convidam a uma outra análise, sem vacilações. Abre um título assim: "Com quanto pode viver uma família na Capital Federal". E, com dados oficiais, procura convencer que uma família tipo, de sete pessoas, supre suas necessidades com Cr\$ 6.496,42, mensais, descendo ao luxo de detalhe dos centavos...

Logo abaixo, com certa piedade, supostamente compensadora, confessa que o custo de vida se tornou três vezes mais caro em dez anos.

Nós, que sempre nos preocupamos com os problemas de vida cara e que temos acompanhado todas as manobras allistas neste pequeno semanário feminino, podemos dizer que a verdade sobre as necessidades familiares é bem outra. A diretoria da E. E. F. deve estar baseada num fichário que foge à realidade presente.

Em primeiro lugar é muito difícil encontrar-se uma família média de sete pessoas, que perceba mensalmente salários ou vencimentos de seis mil cruzeiros e meio. Seria admitir-se o tipo de chefes de seções ministeriais, sócios de certas firmas comerciais ou pessoas de profissões liberais de clientela boa. Mas não vamos parar neste aspecto, embora reconheçamos que seria o ponto de partida para um levantamento orçamentário de qualquer família do Distrito Federal.

Pela discriminação oficial sobre os índices do custo de vida, sete pessoas de uma família só teriam direito ao aluguel de uma casa: Cr\$ 1.012,00; alimentação: Cr\$ 2.950,83; combustível e luz: Cr\$ 258,58; criados: Cr\$ 500,00; vestuários: Cr\$ 833,27; móveis, utensílios, roupa de cama e mesa, etc.: Cr\$ 941,74.

E aí pararia a vida familiar. Os filhos não teriam direito à escola, ninguém poderia cair doente, pagar médico, dentista, comprar remédios, ter suas diversões ou sequer pagar transporte. São coisas não

previstas pelo orçamento oficial e para as quais não haveria verba.

Ora, sabemos muito bem que uma casa ou apartamento que comporte sete pessoas não custa apenas mil e doze cruzeiros, mensais. Isso é preço de um quarto de qualquer apartamento.

No que diz respeito à verba de alimentação é preciso antes de tudo definir-se o que seja alimentação. Se se for considerar as necessidades orgânicas tão faladas pelos nutricionistas sobre o controle da vida na base das vitaminas, proteínas, cálcio, ferro, etc. contidos na carne, fígado, ovos, batatas, ervilhas, manteiga, leite, pão, chocolate, camarão e outros mariscos, doces, frutas e legumes de toda sorte, então como sete criaturas poderiam enfrentar a atual carestia com apenas Cr\$ 2.950,83?

Outro aspecto notável do "Diário da Noite" é a verba de vestuários. Imagine sapato, vestido, meias, bolsa e outros acessórios, multiplicados por sete, com uma verba de Cr\$ 833,27, quando qualquer vestido de colegial custa duzentos e tanto e uma alpercatinha de sola de raspá, cento e trinta, e cinco cruzeiros e tudo o mais por preços exorbitantes?

Esta é que é a realidade ao bico da pena, queridas amigas. E o que é bem pior é sabermos que a grande maioria de nossas famílias não tem Cr\$ 6.496,42 mensais, para suas despesas. Logo, se essa importância não entra em nossas lares, não fazemos outro coisa senão enganar o estômago com uma alimentação precária, entregando-nos ao aniquilamento físico e ao pauperismo insustentável.

Frente a esta situação, as donas de casa têm um grande papel a desempenhar na defesa de seus lares. Se todas as senhoras compreenderem o valor de uma luta sistemática contra a carestia e discutir em conjunto esse problema, encontrarão uma saída justa para essa calamitosa situação que a todos nós oprime.

Continua, pois, em nossas mãos o trabalho feminino contra a carestia.

E para o comentário do "Diário da Noite", a ironia do destino lhe responde com outra nota do mesmo jornal do mesmo dia, apenas noutra página, com um título assim: "CORTE nos salários dos diaristas da Central"...



Movimento feminino pró-paz

Em prosseguimento à "Campanha Pró-Paz", promovida pelo Instituto Feminino de Serviço Construtivo e o Comitê de Mulheres Pró-Democracia, várias organizações femininas estaduais estão enviando a essas entidades, a súmula de seus trabalhos, sendo especialmente louável, a iniciativa das denodadas mulheres cearenses que fundaram, com grande sucesso, uma "Associação Feminina Pró-Paz", congregando, assim, todos os seus nobilitantes esforços à base desse princípio fundamental, indispensável ao progresso e bem estar dos povos.

Listas de adesão com numerosas assinaturas de mulheres estaduanas vão sendo recebidas numa demonstração de pronta e vibrante solidariedade ao movimento das mulheres do Distrito Federal, as quais, em seu programa do mês corrente promoverão uma animada Mesa Redonda, cujos debates serão irradiados pela popular emissora Rádio Globo, na noite de 21, às 22 horas.

Excusad o encarecer a importância de tal iniciativa, sabendo-se que mulheres de vários setores profissionais e culturais discutirão perante o público, o magno problema da Paz, de particular interesse para todas as mulheres.

Cópia da Mensagem dirigida pelas mulheres brasileiras ao dr. Herbert Moses, M.D. Presidente da Associação Brasileira de Imprensa:

Prezado senhor: — Mulheres brasileiras, ora empenhadas na "Campanha Pró-Paz", que empolga os mulheres do mundo inteiro, de acordo com proposta endereçada à Mesa, no Ato Público de sua instalação, no Brasil, promovida pelos Comitês de Mulheres Pró-Democracia e Instituto Feminino de Serviço Construtivo, a 18 de agosto último, na Sala do Conselho dessa Associação e aprovada por unanimidade, apelam para V. Excia., como M.D. representante da Associação Brasileira de Imprensa, no sentido de que essa organização, responsável pelo espírito de solidariedade humana e atividade profissional da classe jornalística, possa representar, de fato, uma força vigorosa contra os fomentadores de guerra e os falsos democratas profissionais jornalistas que constituem ameaça permanente à paz do mundo, incentivando a confusão nos meios democráticos e progressistas, criando uma psicose de guerra e preparando, assim, a opinião pública para uma cruzada abominável.

Protestando enérgicamente, rogamos a V. Excia. possa interceder para que seja cumprida, com real dignidade, a recente Resolução da Organização das Nações Unidas que condena os forjadores de uma nova chacina da Humanidade.

(Ass.) Alice de Toledo Tibiriçá, Pres. do L.F.S.C. — Elza do C. Loureiro, Sec. Geral do C.M.P.D.

COMISSÃO FEMININA DE DEFESA DO PETRÓLEO

APÊLO AS BRASILEIRAS

Pedem-nos publicação do seguinte:

As mulheres do Distrito Federal, compreendendo, como as suas irmãs dos Estados, a importância da luta em defesa do nosso petróleo, organizaram-se numa Comissão Feminina de Defesa do Petróleo, sob os auspícios do Instituto Feminino de Serviço Construtivo e Comitê de Mulheres Pró Democracia, e pediram a filiação dessa Comissão ao Centro Nacional de Estudos e Defesa do Petróleo.

Essa Comissão dirige, hoje, um apelo às brasileiras, no sentido de se integrarem, nos seus respectivos Estados, nessa campanha de libertação econômica do país, constituindo Comissões Femininas de Defesa do Petróleo, e auxiliando diretamente os Centros Estaduais

de Estudos e Defesa do Petróleo.

As mulheres que se organizaram na luta contra a carestia, as mulheres que defendem a paz, as mulheres que procuram construir um futuro melhor para seus filhos, não podem ficar indiferentes num momento em que, na Câmara Federal, há um projeto de lei — o Estatuto do Petróleo — que, uma vez aprovado, traria a subjugação econômica do Brasil aos trusts estrangeiros, acarretando mais fome, doença e miséria para o nosso povo.

Unamo-nos, pois, em torno da bandeira do Centro Nacional de Estudos e Defesa do Petróleo:

Para derrubar o Estatuto entreguista!

A COMISSÃO

* A vida é difícil em todos os lares

CARNE — Vão surgindo as célebres filas das primeiras horas da manhã. Homens e mulheres, senhoras e crianças já enfrentam as madrugadas frias para aquisição de carne, voltando muitas vezes com as mãos vazias. E a população carioca continua sem ver uma solução para a crise da carne. Os açougues continuam a receber quotas inferiores às que recebiam, o racionamento vigora, a carne é misturada com osso e pelancas ao preço de primeira. Hospitais e colégios diminuem a alimentação dos seus internos e no fim de tudo, só se aprecia um lamentável jôgo dos frigoríficos com a administração pública, no sentido de ser aumentado o preço da carne. O jôgo desse aumento vai cair nas costas dos açougueiros e os frigoríficos vão passar por bonzinhos, porque há pouco tempo tiveram uma majoração pleiteada. Também, assim, seria de mais...

Devemos estar alertas para esse aumento. Não é mais possível fazer milagres orçamentário nem tão pouco passar fome.

—:o:—

BANHA — Foi majorado o preço da banha, porque a exportação no Rio Grande foi liberada. Consequentemente vai desaparecer a banha do nosso mercado, pois, com o retabulamento para Cr\$ 18,00 o quilo do produto, os armazéns não podem receber banha a preço muito mais baixo para lhes dar uma regular margem de lucro.

A atitude da C.C.P. parece louvável, baixando o preço para Cr\$ 18,00. Mas essa aparência logo se desfaz, se virmos que esse tabelamento vigoraria de julho de 1948 a julho de 1949 e desde agora a banha já vai faltando em nosso mercado. O que não vier para o Rio, os frigoríficos mandarão para outros consumidores a preços mais elevados. E aí está o "quê" da questão.

E' assim que se processa a política de estabilização de preços em nosso país: se se baixa o preço, o produto desaparece do mercado.

—:o:—

PÃO — Eis um problema que dia a dia se complica, envolvendo mesmo a alta política econômica e financeira do nosso país com países irmãos, como é o caso do prejuízo de nossas compras do cereal da Argentina, porque este país exige majoração do trigo para os Estados Unidos, que podem pagar e suas grandes compras vão fatalmente prejudicar nossas aquisições.

Por outro lado, o aumento do pão já foi concretizado. A C.C.P. prima por não saber ajustar as coisas. Esse foi o caso com os panificadores e a sua tabela. Resultado foi que o pão subiu de preço, sob o disfarce de ser melhor o mais caro. O misturado continuaria do mesmo preço. Entretanto, se se procura o pão anteriormente fornecido, nunca se encontra e vai predominando o mais caro. Quem quiser que o compre ou deixe de comer.

Como se vê a população dia a dia aperta a barriga, não porque queira e sim porque as necessidades obrigam. A opressão vai invadindo os lares e não sabemos onde vamos parar, porque nada faz a administração pública para conter a carestia.

A mocidade e a questão do petróleo

HELENA

Felizmente acabou a época do "magister dixit", de que "o mestre, o senhor diz é a verdade."

Há verdades que têm de ser provadas mesmo quando ditas por um medalhão ou um poderoso.

Apesar disso é certo que ainda impressionam as afirmações públicas que pessoas de responsabilidade fazem, correndo a respeito delas, senão mais a certeza, pelo menos a presunção de verdade.

Assim é que em comentário a determinado artigo publicado em um semanário desta capital, foi afirmado, entre outras coisas, que apesar de nós brasileiros não sermos um povo inferior, vivemos "subjugados por condições inferiores", o que justifica a convicção prática de que deixados a nós, com todo o nosso heroísmo, nós nos vamos enfraquecendo como povo, e por consequência "não há razão prática em toda essa campanha contra o capital estrangeiro".

É evidente que "toda essa campanha contra o capital estrangeiro", diz respeito à questão da entrada do nosso petróleo aos "trusts" estrangeiros. E aí está o perigo das afirmações do articulista. E que, tratando-se das condições do nosso povo, apresenta-o infeliz, subjugado por condições inferiores apontando, logo, uma única salvação, um único remédio: o capital estrangeiro.

Alto lá, deve dizer a mocidade brasileira, nós não queremos esta salvação, nem este remédio. Porque si há velhos cansados e moços desiludidos, que pensam que estas condições inferiores em que vive e condições inferiores em que vive o povo brasileiro são eternas, nós, os moços corajosos, não acreditamos. Se há moços cansados, que preferem o amargo dos remédios que as colheiras estrangeiras nos servem, nós, os moços de coragem, não preferimos. Preferimos, isto sim, lutar honestamente, corajosamente e heroicamente, pela modificação dessas condições que inferiorizam as nossas crianças e os nosso homens. Preferimos, isto sim, imitar o exemplo de nações tão ou mais fracas que nós, que souberam desenvolver as suas riquezas, devagar, modestamente, ao invés de entregá-las aos apressados salvadores estrangeiros para se serem vorazmente devoradas.



Na Argentina — a senhorita Martha Campdepados foi coroada Rainha do Petróleo — Martha I

Curso de monitores da campanha do petróleo

CONVITE AS MULHERES

A Comissão Feminina de Defesa do Petróleo acaba de organizar um curso para a formação de Monitores da campanha do petróleo. A aula inaugural — a cargo do Engenheiro Fernando Luiz Lobo Carneiro, Presidente da Comissão de Estudos do Centro Nacional de Estudos e Defesa do Petróleo — teve lugar na quinta-feira p.p., à Avenida Almirante Barroso 97, sala 608. Nesse mesmo local serão

ministradas as demais aulas desse curso, todas às terças e quintas feiras, das 18 às 19 horas.

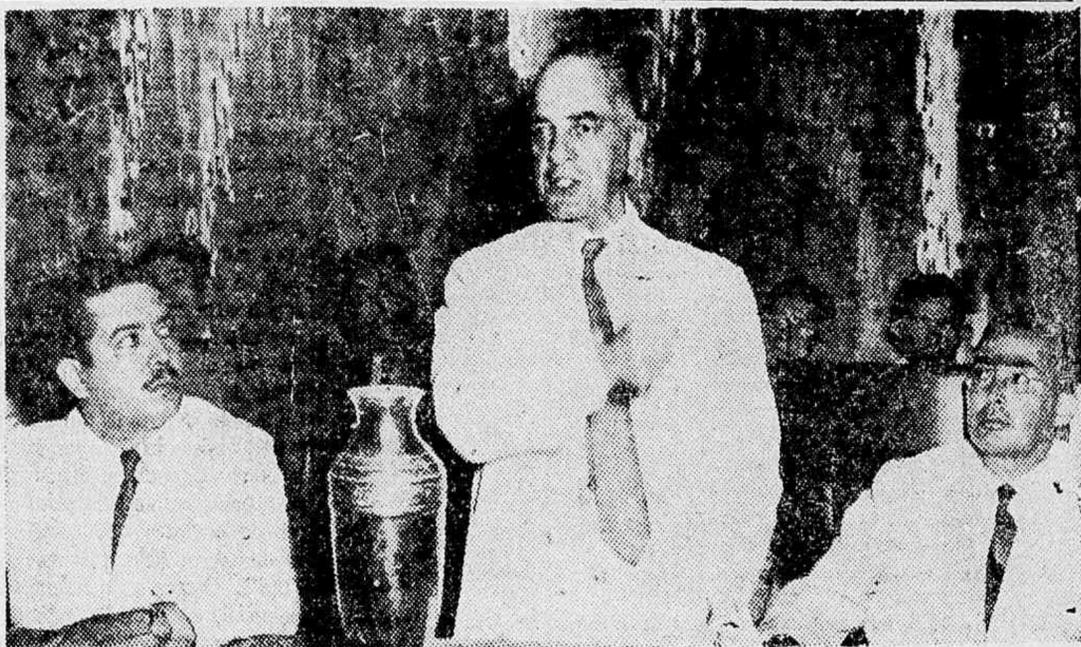
As matrículas serão ali recebidas diariamente, das 15 às 18.30 horas. Solicita-se o comparecimento do maior número possível de alunos, dada a importância do problema — e especialmente das mulheres que desejam bem conhecer o problema, para as quais foi organizado o referido curso.

Nossos Amigos

Agradecemos o auxílio econômico que nos vem sendo prestado pelos nossos amigos. Recebemos:

Matos Pimenta	Cr\$ 200,00
Um grupo	Cr\$ 300,00
Um democrata do Fórum	Cr\$ 25,00
Amigos de Josefina	Cr\$ 44,00

E assim vai MOMENTO FEMININO vivendo do auxílio e apoio dos que compreendem a necessidade de um jornal para a Mulher.



O coronel Artur Carnaúba, uma das figuras proeminentes da Campanha Nacional do Petróleo, quando se dirigia ao povo cearense na sua última conferência realizada em Fortaleza

RÁDIO

«Os galãs maduros»

DAGMAR

No rádio-teatro, supõem-se que os galãs sejam moços ou que pelo menos tenham voz de jovens... Tal não acontece; notamos que em certas emissoras os galãs são feitos por atores de vozes e estilo inadequados para papéis desta natureza, talvez dada a sua posição de diretor, ou coisa que o valha, distribuem para si próprios, os melhores papéis... É lamentável ouvir na rádio "Globo" um ator que absolutamente não tem voz, para "mocinho" interpretando esses papéis; é de extranhar, pois nessa mesma emissora, existem artistas de vozes moças e que seriam indicados para isso.

Mas na rádio "Globo" é justamente o contrário, jovens interpretando pontinhas de velho, e velhos "querendo brilhar" como galãs, se o papel for o principal é ciaro. Para começar, citamos aqui o grande ator de teatro, Teixeira Pinto, que foi na sua época, um dos melhores artistas do nosso palco; encontra-se agora atuando na rádio "Globo" onde ocupa o lugar de "assistente" do sr. Amaral Gurgel. Esse brilhante ator está nesse caso. Sr. Teixeira Pinto, vai aqui, um asugestão: O sr. é um perfeito ator central, permaneça nesse gênero, e sua estrela cada vez mais aumentará de brilho. Desista de fazer galãs, pois sua voz não se presta para isso. Citamos apenas, este elemento, dentre os muitos que existem no rádio-teatro brasileiro. Por hoje é só...



Amelia Simone rádio-atriz, de real calor da rádio Tupi

"MORALIZANDO O RÁDIO"

Com o título acima, o vespertino o "Globo" publicou em uma de suas edições, uma pequena notícia, na qual dizia haver sido dispensado da emissora do sr. Roberto Marinho, um dos seus redatores por

haver copiado algumas anedotas de um semanário. Se o motivo foi esse, concordamos plenamente com a medida tomada, tardiamente, pois a censura da "emissora" anda cochilando há muito tempo; se a medida fosse geral, o corte seria arrazador. Tenhamos em vista as "novelas semanais e o grande Teatro" da própria rádio "Globo", em que apenas, os títulos são trocados, aproveitando-se todo o texto dos trabalhos alheios, firmados por nomes que são verdadeiros expoentes do teatro universal. Creio que isso é muito mais grave, do que copiar anedotas, pois elas são de domínio público. Não acham os senhores, que tirar o nome de Ibsen, e no lugar deste, colocar de um Antonio qualquer é muito mais grave? Continue, não só a rádio "Globo" bem como as demais, na obra moralizadora, e assim em breve, os nossos redatores e novelistas terão mais cuidado com seus "Escripts".

ESCOLA...

Torna-se imprescindível uma escola para locutores, onde possam receber os ensinamentos que os tornem capazes para o difícil mister que desempenham. Há no nosso "Rádio" ótimos locutores; outros, porém, muito deixam a desejar, pois entre esses, vamos encontrar os que não tem o tirocinio preciso e o senso de responsabilidade necessário. No sábado passado, se não me engano, dois locutores da afamada PRG-3, quando às 23.30, findavam o jornal falado, devido a um lapso cometido por um deles, boas risadas deram, e que foram percebidas certamente pelos milhares de ouvintes que como nós se interessavam pelo "Grande Jornal Tupi". Graças a intervenção providencial, do controle, não prosseguiu o programa "extra".

Cuidado "senhores locutores" com os microfones; eles são indiscretos.



MULHERES será o grande sucesso de Dulcina na presente temporada. Peça traduzida por mulher — Lucia Benedetti, a sua tradutora, — só artistas mulheres tomarão parte nesse espetáculo novo. MOMENTO FEMININO convida suas leitoras para um acontecimento diferente em nosso teatro.

OS DIREITOS DA MULHER

NICE FIGUEIREDO

Nada mais desolador que a leitura do nosso Código Civil naquilo que se refere à capacidade da mulher casada.

De um lado ele estabelece que a mulher se presume autorizada pelo marido para a compra à crédito das coisas necessárias a economia doméstica. E neste particular fazem os intérpretes da lei uma ressalva que bem traduz o espírito de parcialidade e de convencionalismo com que foi elaborado o artigo da lei referida.

Para isso vamos transcrever um trecho de um comentário feito a respeito do que é, e do que não é essencial à economia doméstica:

"Se, por exemplo, a mulher de um operário compra ou encomenda três caixas de champanhe, fácil é perceber que não se trata de coisa essencial à economia doméstica; mas se a compra duas ou três garrafas de cerveja, não pode o marido contestar a legitimidade da dívida, negando-se a pagar ao fornecedor".

Tal afirmação séria, até, divertida se não fosse a diferenciação chocante que estabelece entre o que é essencial à economia doméstica de uma mulher pobre e a de uma mulher rica.

Embora a realidade seja muito mais chocante que estas palavras, porque raras mulheres de operários podem comprar cerveja para beber, o exemplo dado mostra bem a concepção parcial e classista que norteia a nossa lei.

Mas deixando as garrafas de champagne e as caixas de cerveja, o que causa mais estranheza; a depreciação implícita da personalidade da mulher que o Código Civil faz sistematicamente. Nossa afirmação não é um arroubo feminista. Para que não parem dúvidas, reafirmamos aqui, que estamos absolutamente satisfeitos de termos nascido mulher. Não podemos é deixar de apontar as contradições flagrantes que existem na nossa lei civil, onde o defeito mais leve, é o absoluto menosprezo pela capacidade da mulher casada.

De nada adiantam as frases tapeadoras de consolo, que comumente se apresentam para justificar a lesividade com que foi tratada a mulher casada. Só o fato de exigir a lei a autorização do marido para que a mulher exerça uma profissão lucrativa honesta e dignificante, enquanto cria, para a mesma mulher, o direito de fazer dívidas para comprar champagne, vestidos e peles, joias etc., pois o critério na determinação do que é essencial às necessidades domésticas, varia de acordo com a classe da mulher em questão, só esse fato bastaria para justificar a crítica acerba que temos feito às disposições de lei que regem as questões de família.

Melhor atestado de estupidez não podia ser dado à mulher, que segundo o legislador não tem capacidade para escolher sozinha o trabalho que a libertará e à sua família de muitos problemas, mas que é considerada capaz de saber comprar, para embebedar, às vezes, seus amigos e amigas garrafas de champagne, vestidos decotados, etc. etc. . .

É lógico que não somos contrárias a boa cerveja, nem a boa champagne, lamentamos é que uns não possam, nunca, tomar champagne, enquanto outros não precisam, nunca, de tomar cerveja.

O que criticamos o conceito falso e prejudicial que a lei brasileira, como muitas outras, faz da mulher casada o que em última análise traduz o conceito que ela faz da mulher em geral.

Como negar à mulher o direito de trabalhar, de cumprir uma obrigação social, sujeitando-a às considerações maritais e judiciais enquanto se lhe abre francamente às portas da futilidade e do esbanjamento? Porque na verdade, como já dissemos na nossa crônica anterior, o dispositivo de lei que dá a mulher esse direito só tem aplicação nas classes abastadas ou médias, pois quem não tem dinheiro não tem crédito em lugar algum. E o que é necessário para algumas mulheres da classe abastada, daria para sustentar muitas e muitas mulheres pobres e miseráveis, que se desamparadas pelos maridos terão mesmo é de morrer de fome, pedir esmola ou atirar-se ao trabalho com ou sem autorização, desse marido.

Teremos oportunidade, examinando novos dispositivos da lei que reje a matéria, de apontar outros tantos absurdos denominados "proteção à mulher, a família e aos filhos" para provar o quanto é desolador o exame dessa lei e quanto de esforços tem a mulher brasileira de fazer para acabar com estes absurdos.

Exposição de Noemi

SÍLVIA

Num ambiente festivo e agradável, reunindo artistas, jornalistas, amigas e colegas, Noemi inaugurou sua exposição de pintura, no Salão do Instituto de Arquitetos do Brasil. É uma mostra heterogênea e a gente percebe a preocupação de uma artista que faz progressos, que encontra novos caminhos, novas inquietações, realizando com sinceridade a sua obra de arte.

Quando se conheceu Noemi, aluna da Escola Nacional de Belas Artes essa primeira exposição individual assume um caráter completamente alentador. Tudo aquilo que a Escola conservadora impôs à menina estudante que fatalmente devia se prender aos enfadonhos problemas de uma técnica não compreendida, vai desaparecendo do trabalho plástico da artista de agora. Já há uma afirmação de arte e a liberdade de criação passará a funcionar nos trabalhos da jovem pintora.

Algumas cenas populares (Favelas I e II) são de feliz composição, conservando uma atmosfera ambiente que muito se liga a ingenuidade sábia de nossos morros e aos ares de nossa cidade. Também os "peixes" têm um certo sabor e o guache é a matéria que encontra nessa artista a sua melhor aplicação. São agradáveis as suas aquarelas.

Outro quadro que tem belas qualidades de composição e cor, além de muita simpatia, é a "menina no tapete", cuja reprodução pode ser vista por nossas leitoras. A cores nesse quadro são alegres e têm boa harmonia, formam um rendilhado de formas que bem mostram o caminho que a artista está procurando. Ainda não há um completo domínio sobre a matéria e as formas começam a esclarecer as tendências que predominam. Há como que um aviso de que Matisse existe e impressiona a artista.

Trabalhando intensamente, cultivando seus instintos, aprofundando-se no sentimento e na emoção, procurando a cor como fundamental em sua expressão, Noemi vai, em pouco tempo, justificar os seus méritos que agora apontamos.

O conjunto dos quadros na pequena sala fica muito bem. Muitas vezes as restrições são maiores e não quero mesmo deixar de apontar certas molduras que poderiam realçar os quadros se fossem mais singelas.

Contudo, Noemi é mais uma artista que surge para o público e queremos convidar nossas amigas e leitoras para essa nova revelação de arte que contribui para afirmar a contribuição da mulher em nossa vida artística.



"Sentada no tapete", quadro de Noemi



BUCOLICA

(Continuação da 7.ª pag.)

dor me deu a dose, mas quem disse de poder voltar? Uma chuvarada... Pousei no Libório. Hoje, manhazinha vim.

Entre alegre, pensando: a coltadinha vai sarar. Eu que pisel na sala, dou com a menina espichada na esteira, fria. Anica! Anica! Quando vi bem que estava morta de verdade, ah, são moço, berrei como nunca na minha vida.

— "Nhá Vêva, de que jeito morreu Anica, conte, conte."

Nhá Vêva quieta, repuxando a boca. Uma pedra! Cai em cima da menina, bejei, chorei. Nisto, uma cotucada — era o Zico, aquele negrinho, sabe? Olhei pr'a ele: fez jeito de me falar longe da tatorana. Lá fóra me contou tudo. A menina, desque eu saí, morreu. Mas, quietinha sempre. Noite alta, gemeu.

— "Cala a boca, peste!" gritou do outro quarto a mãe — mãe, veja!

— "Quero água, nhá mãe."

— "Cala a boca, peste!"

A menina calou. Mais tarde me viu outra vez, balxinho.

Ninguém se mexeu.

— "E' tu, negrinho, safado, por que não acuciu a menina?"

— "Não vê! Eu conheço Nhá Vêva!..."

São Pedro, aquele trapo, esse estava na pinga de todo dia. Ninguém na casa para chezar uma caneca d'água à boca da doentinha. Ela, um chorinho ainda; depois, mais nada. De manhã...

Lágrimas escorriam a fio pela cara da preta e soluços de dor escondiam-lhe as palavras.

— De manhã foram encontrar a menina morta na cozinha, rente do pote d'água. Arrestou-se até lá, o anjinho que nem se mexer na cama podia — e morreu de sede diante da água!...

— Quem sabe se...

— Não bebeu, não! O pote, em cima da caixa, ficava alto, e a caneca estava tal e qual no lugarzinho do costume. Não bebeu, não! Morreu de sede, o anjo!

Enxugou as lágrimas na manga.

— Agora, vou no Libório. Se ele me quiser, fico. Se não, sou bem capaz de me pinchar nesse rio. Este mundo não paga a pena...

Sol a pino. Desânimo, lassidão infinita...

LEIA

ESFERA

NOS JORNALEIROS



Ingrid Bergman fez em "Joana D'Arc", um papel que desejou enormemente. Seus fãs — que são milhões — a verão em breve na cota de malha da Donzela de Orleans...



CINEMA

"Sinfonia Pastoral" está na sua quarta semana e é um dos melhores filmes do cinema francês, com vários prêmios, inclusive o do festival de cinema em Cannes. Jean Dallanoy dirigiu com precisão a obra de André Gide e Michele Morgan tem em Gertrudes um dos maiores de seus papéis, um dos melhores do cinema de França. Aquela menina suja e maltrapilha bebendo no fundo da tija a sopa quente, aquela menina que só vivia porque tinha vontade de comer, vai ser a cega bonita, ingênua, pura e a mulher que afinal vê a neve, vê o pastor, vê Jacques o amor só reconhecido pelas mãos. Michele Morgan é um grande nome no cinema. Todos os seus papéis são marcados de uma simplicidade feminina intensa e convincente. Em "La Symphonie Pastorale", Michele Morgan realiza inteiramente o tipo que André Gide criou. Há vezes, em que Pierre Blanchard é teatro, com gestos e expressões fisionômicas dissonantes do conjunto cinema que Dallanoy dirige com segurança. Apesar dessas quedas, o filme se mantém com uma fotografia muito boa, uma boa música e um respeito total ao credo. A tradução portuguesa é ruim, cheia de francesismos incoerentes. Os tratamentos estão sempre errados e é pena que isso aconteça porque muito perde o leitor sem conhecimento do francês. Mas vale o grande espetáculo. A quarta semana ora iniciada demonstra que o filme foi entendido e que já se vai, no Brasil compreendendo e amando o bom cinema, aquele que, como o cinema francês, dá uma contribuição rica à cultura e ao prazer. Não mais apenas divertimento. Mas alguma coisa de novo, de bom, de belo: Tia Amelie é um tipo e Line Nora consegue fazê-lo viver magistralmente.

Se couber à cronista aconselhar alguma coisa ela dirá: vejam este filme

E. M.

Teu aniversário

MINHA MÃE, é com a maior satisfação que vejo passar mais um ano de vida para você, e quero através das colunas deste nosso jornal, jornal que é de todos os brasileiros democratas e amantes da liberdade, cumprimentar-te pela efeméride, e dizer-te que, quanto mais compreendo a vida, quanto mais amo a liberdade, mais te amo, venero, respeito e admiro, não só por ser minha mãe e por isto mesmo compreender-me e ajudar-me animando-me nas fases difíceis da vida, mas pelo fato de não seres

apologista daquilo que entrava o progresso da humanidade, pôr considerares como teu filho, todo aquele lutador por um mundo melhor, por não admitires um mundo estático, um mundo que não se muda e não se transforma, por veres em cada filho do povo, um seu filho: pelo fato de vêr em teu olhar firme e sereno, brilhando sempre a confiança no futuro a fé na liberdade e na redenção da família humana, por sentir que já tiraste para o monturo do esquecimento toda bagagem de sentimentalismo estrabi-

co, desse que quase líquida no ser humano a vontade de luta entrando o nosso progresso, por compreenderes, que o amanhã que é eterno, não sofrerá modificação conseqüente da ação daqueles que pensam enfeixar o mundo entre as mãos. É por isto, que te cumprimento e abraço no dia que comemoras mais uma primavera na tua preciosa existência, fazendo votos para que esta compreensão desonvole em ti para exemplo às outras mães que ainda não tiveram a felicidade de compreender tudo isto.

Teu filho,

a) Milton J. Fernandes

Juiz de Fora, 30 de agosto de 1948.



REVISTAS ESTRANGEIRAS

Cultura Política — Filosofia — Ciência
Pedidos pelo Reembolso Postal

Editorial Vitória Ltda.

Rua do Carmo 6, 13º andar, sala 1.306, Rio

Nossos garotos

UMA FABULA DE LA FONTAINE

O burro e o cão

(Tradução de LIA)



Prestar auxílio mútuo: eis a lei da Natura. Pois dessa lei o burro, entretanto, troçou. E não sei como foi que a tal dever faltou. Pois é uma boa criatura. Ia pelo caminho; acompanhava-o o cão. Seguiam sem sentir qualquer preocupação. O dono de ambos vinha atrás, a caminhar. O dono adormeceu. Pôs-se o burro a pastar. A verde relva do prado Era bem do seu agrado. Cardos porém não tinha, e o burro, nesse dia, Resolveu demonstrar não ser muito exigente, E não ia, certamente, Por falta dessa iguaria. Estragar a refeição. Passa por esta vez! Morto de fome, o cão Lhe diz: — "Caro colega, abaixa-te — é um favor — Que eu tiro o meu jantar do teu cesto de pão". Nem resposta. Silêncio. O nosso comedor Julgava o tempo assim gasto Perdido para o repasto. Foi fazendo ouvido mouco. Afinal respondeu: "Amigo, espera um pouco. A sesta de teu dono em breve há de acabar. Ele não deixará de dar-te, ao despertar, Tua ração, e pressinto Que não é longa a demora". Surge um lobo, nessa hora, Sai do bosque e se chega; outro bicho faminto. O burro logo chama o cão: — "Amigo, espera o dono, Ou fuge enquanto dura o resto de seu sono. Ele não tardará. Anda depressa, corre! Se o lobo te alcançar, amassa-lhe o focinho; Tens ferradura nova. E morto, no caminho, O lobo tomará" — Enquanto assim discorre, Seu lobo devorou o burro. — Era fatal

PRESTAR AUXILIO MUTUO — eis a moral.



As histórias de didinha

A HISTÓRIA DA BICICLETA

Beto ganhou uma bicicleta no dia em que fez doze anos: mistura de presente de aniversário e de recompensa pelos bons exames que fez para o curso ginasial. Ficou louco de contentamento! Qual é o menino que não gosta de uma bicicleta? Ele e seus três irmãozinhos, Nanoca, de dez anos, Joãozinho, de sete, e Elizabeth — com um nome tão pomposo e comprido, tinha mesmo de ter um apelido aquêle pinguinho de gente, e todos a conhecem como Bete ou Betinha — de quatro anos, passam longas horas embevecidos na contemplação do engenhoso maquinismo. Engenhoso e tão fácil! Beto logo aprendeu a andar tão bem que até faz piruetas e solta as mãos, os outros dois, já crescidinhos, também aprenderam a andar na bicicleta, e até a fazer as curvas, e Beto, de camaradagem, às vezes dá uma "carona" à Betinha, que não cabe em si de satisfação.

Ontem, Beto perguntou de repente: — "Há muitos anos que existe a bicicleta? E quem a terá inventado?"

Felizmente, Dindinha estava perto e ouviu a pergunta. Dindinha, geralmente, dá respostas certas às perguntas dos quatro garotos, e, quando por acaso não sabe, vai procurar informar-se, a fim de satisfazer à justa curiosidade das crianças. Assim é que eles têm aprendido uma porção de coisas úteis e interessantes, sem mesmo perceber que estão se instruindo.

Dindinha respondeu, portanto: — "A bicicleta é uma invenção muito, muito antiga". — Os quatro meninos sentaram-se em volta dela, muito atentos, até a meia-noite da Bete, que é muito esperta para sua idade. — "Naturalmente, no começo não tinha pedais, nem era aperfeiçoada como agora. Consistia numa simples trave, montada sobre duas rodas. Era, em suma, uma espécie de avozinha da bicicleta atual. Chamava-se "celerífero".

— "Que nome arrevezado!" — interrompeu Joãozinho. "Chamava-se celerífero, e deve datar talvez do século XV. Mas o que é certo é que nos fins do século XVII era bastante espalhada sob a denominação e essa forma. E vocês sabem como é que ela andava? A pessoa montava enganchada, como nas bicicletas para homem, atuais, e ia batendo com os pés no chão, alternadamente.

Em fins do século XVIII — em 1789, parece-me — foi inventada a Drasiana, que tinha a forma de um leão ou de um cavalo, e que já marcava um progresso, pois possuía direção, podendo virar à direita ou à esquerda, sendo a parte dianteira montada sobre um pino. O nome geral da bicicleta, naquela época, até meados do século XIX era "velocífero".

E sabem vocês quem foi que transformou a velocífero na bicicleta atual, munido-o de pedais?

— "Quem foi, Dindinha?" — perguntou Nanoca, muito interessado.

— "Quem foi, Dindinha?" — repetiu a Bete, como um papagaio. Todos riram e Dindinha explicou:

"Foi um menino, um garotinho do povo, chamado Pierre Michaux".

— "Um menino! Que bichão, hein, Dindinha?" — exclamou o Beto, entusiasmado.

— "Sim senhor, um menino, o filho de um modesto marceneiro. Ele estava vendo o pai consertar um "velocífero" de um freguês e perguntou: — "Papai, por que fazer essa máquina andar batendo com os pés no chão? Não seria muito mais prático que ela tivesse pedais? Assim, olhe só". — E desenhou na parede, com um pedacinho de carvão, um esquema de velocípede munido de pedais.

O pai ficou entusiasmado. Estudou bem a idéia do filho, aperfeiçoou-a, aplicou no "velocífero". E, dessa forma, estava inventada a bicicleta".

— "Para a alegria da garotada" — completou o Beto.

— "E para a facilidade de muita gente. Pensem um pouquinho nas vantagens que ela trouxe, nos serviços que tem prestado a quem precisa atravessar distâncias, ao comércio, ao..."

Mas ninguém ouviu mais nada. Beto montara na bicicleta, e os outros três corriam-lhe atrás, gritando:

— "Eu também quero dar uma voltinha".

Dindinha sorriu e retomou a costura interrompida.

NOSSOS ENIGMAS

RESPOSTAS

Charadas novíssimas

- 1) Revista
- 2) Riacho
- 3) Parede

Charadas casais

- 1) Caso — casa
- 2) Fado — fada
- 3) Prato — prata
- 4) Cigarro — cigarra.

Testes de senso comum

- 1) Ora! Esta é facilima! O outro homem não tinha sobrinho doente... porque era o pai do doente...
- 2) De qualquer forma, Maria não tinha direito ao ovo, embora fosse a dona do pato. Onde já se viu pato botar ovo? Pata, sim...
- 3) Oito olhos, pois cada carta de valete tem dois valetes, um em baixo, outro em cima, cada qual com o perfil virado para uma banda.

Problema para o jovem calculista

Uma das soluções é:

573

29

5157

1146

16617

A HISTÓRIA de Anita Garibaldi

DE SENHOS de LANTO



Anita nasceu em Morrinhos, no Estado de Santa Catarina, em 1821. Era filha de Bento Ribeiro Gonçalves e de D. Maria Antônia de Jesus que, embora pobres, souberam dar à Anita uma boa instrução, bem acima da que habitualmente recebiam as moças provincianas daquela época. Aos dezessete anos, Anita era uma linda moça, de grandes olhos negros, cabelos sedosos e porte elegante, lês morenos, tipo bem brasileiro. Certo dia, indo buscar água numa fonte próxima à sua casa, encontrou-se com Giuseppe Garibaldi, que se dirigia à cidade mais próxima. Giuseppe estava então com 31 anos de idade. Nascera em 1807, em Nice (então Nizza), hoje cidade francesa e naquela época pertencente à Itália. Era filho e neto de marinheiros e começara sua vida nos trabalhos do mar. Seus pais eram D. Rosa Garibaldi e o Dominique Garibaldi.

* BUCOLICA

(Conto de Monteiro Lobato)

Tanta chuva ontem!... O cedrao do pasto fendido pelo raio — e hoje, que manhã!

A natureza orvalhada tem a frescura de uma criancinha ao deixar o banho. Incha ha rolos de cerração vadia nas grotas. O sol já alto e ela com tanta preguça de recolher os veus — neblina... A vegetação tóda a pingar orvalho, bisbilhante de gotas que caem e tremelicam, sorri como em cante. Há em cada vergonte filhinhos de esmeralda tenra brotadas durante a noite. A mão de quem passa não resiste: colhe-as de alcance, porque é um gosto mordiscar-lhes a polpa macia.

Meu Deus! O que vai de aranhóis pela relva — nos galhinhos de joveva, nas flechas de capim, grandes e pequeninos, todos mimosos de desenhinho, tecidos a fio de seda... Compraz-se a noite em amarrar nos milhões de diamantinhos que a luz da manhã irisa. Malmequeres potóda a parte amarelos, brancos... E tanta flor sem nome...

— Flor atóda, diz a gente roceira. São, coitadinhas, a plebe humilhada. A nobreza floral mora nos jardins, esplendendo cores de dança serpentina sob formas luxuriosas de odaliscas. A duquesa Dalia, sua majestade a Rosa, o samurai Crisantemo — que fidalguia! Bem longe estão destas aqui, azuleguinhas, pouco maiores do que uma conta de rosário.

Não obstante, vejo nestas mais alma. Leio mil coisas na sua modestia. Lutaram sem tréguas contra o solo tramado de raízes concorrentes, contra as geadas, contra as lagartas contra os bichos que pastam. Que tenacidade, que prodígio de economia não representam estas iscas de rétalas, e o perfume aereste que as clariza, e a cor — tentativa de azul — com que se enfeitam, as feiticelrnhas!

São belas, sim — da sua beleza, a beleza selvática das coisas que jamais sofreram a domesticação do homem.

As flores de jardim: escravas de harem... Adubo farto, terra livic, tutores para a haste, cuidados mil — cuidados do homem para com a rez na cova... As agrestes morrem livres no hastil materno; as fidalgas, na gullhotina da tesoura. Fábula do lobo e do cão...

Que ar! A gente das cidades, afeita a sorver um indecoroso gás feito de pó em suspensão num mixto de mau azoto e peor oxigênio, para o prazer sadío que é sentir os pulmões borbulhantes deste fluido vital

em estado de virgindade. O oxigênio fresquiho foi elaborado naquele momento pela vegetação viçosa. Respirá-lo é sorver vida á nascente.

All, o rio. Inzazelos desganhados pendem e arrepiam-lhe o espelho das águas. Caem na corrente flores mortas. O movediço esquife condu-las com mimo até á barulhenta corredelra próxima; lá, irritado, amarfanhadas, fa-las redardos — e as coitadinhas viram babuim.

Margita o rio a estrada, ora d'ocre amarelo — ora roxaterra; aqui, tunel sob a verdura picada no alto de bôgões de luz; além, escampa. Nos barrancos ha tocos de raízes deceradas pelo enxadio e covas d'eformidáveis mortos onde as corruilas armam ninho.

Surgem casebres de palha. Lá na aguada bate roupa uma malher.

Rumor no mato... Sai dele, de lenha ao ombro, uma cabocla.

— Sinh'Ana, bom dia! Que é do Lutz?

— No eito, coitado.

— Sarou bem?

— Ché que esperança! Melhorzinho. Panarício é uma festa!

Baltacas em banho, bulhentas, sumiram-se num capão d'angico. Borboletas amarelas nos humidos. Parece um debulho de flores d'elpé.

— ZUT!

Uma preá que corta o caminho.

— Péga, Vinagre!

Outra casinha, lá longe. E' a toca do Urunduva, caboclo amalettado. Este diabo tem no sitio a coisa mais bela da zona — a paineira grande. Dirijo-me para lá. Um carrelinho entre roças, a pinguela, um va' a saltar... El-la! Que maravilha!

Derreada de flores cor de rosa, parece uma só imensa rosa créspe. Beija-flores como all ninguém jamais viu tantos. Milheiros não figo — mas centenas, uma centena pelo menos lá está, zunindo. Chegam de longe, tódas as manhãs, enquanto dura a festa floral da paineira mãe. Voejam rápidos como o pensamento, ora librados no ar, sugando uma corola, ora riscando curvas velocissimas, em trabalhos de amor.

Que lindo amor — alado, rutilante de neblinas!

Respiro um ar cheiroso, adocicado, e fico-me em enlevo á ver as flores que caem regirantes. Se aflu mais forte a brisa, despezam-se em bando e recamam o chão. Devem ser assim as árvores do país das fadas...

O Urunduva? E' ele mesmo. Amarelo, inchado, — arrastar a perna... — Então, meu velho, na mesma?

— Melhorzinho. A quina sempre é remédio.

— Isso mesmo, quina, quina.

— E'... mas está cara, patrão! Um vidrinho assim, três cruzeiros. Estou vendo que tenho de vender a paineira.

— ? ?

— "Não vê" que o Chico Estiú dá dezoito mil réis por ela — e inda um capadinho de choro. Como este ano carregou demais, vem palma p'r'arr'as. Ele quer aproveitar; derruba e...

— Derruba!...

— Derruba e...

— Por que não colhe a palma com vara, homem de Deus?

— "Não vê que" é mais fácil derrubar...

— Derruba!...

Fujo dali com este horrível som a azoimar-me a cabeça. Aquela maleita ambulante é "dona" da árvore. O Urunduva está classificado no gênero "Homo". Goza de direitos. E' rei da criação e dizem que feito á imagem e semelhança de Deus.

Roca de milho. A terra calcinada, com as cinzas escorridas pelo aguaceiro da véspera, incha-se de tocos carbonizados, e árvores enegrecidas até meia altura, e paulana em carvão. Entremelo, covas de milho já espontando folhinhas tenras.

— Derruba!...

Adiante, feijão. O terreno varrido, cor de sépia, pontilhado pelo verde das plantas, recém-vindas, lembra chita de velha: as velhas gostam de chitas escuras com pintas verdes.

E' aqui o sitio da Maria Veva. Tem ruim fama esta mulher papuca. Má até a.L. dizem.

O marido — coitado — um bobo que anda pelo cabresto — Pedro Suá. Ganhou este apelido desde o célebre dia em que a mulher o sutrou com um suá de porco. Lá vem ele, de espingardinha...

— Vai caçar?

— Antes fosse. Vou cuidar do cuterro.

— Enterro?...

— Pois morreu lá a menina, a Anica.

— Pobrezinha! De quê?

— A gente sabe? Morreu de morte...

Estupido!

Sem querer, dirijo-me para a casa dele. Não gosto da Veva. E' horrenda, beijo rechado, olhar mau — e aquele papo!

— Então, Nhá, morreu a menina Soube-o inda agora pelo Suá...

— E'.



Rubens Auto 1918

Que resposta seca!

— E de que morreu?

— Deus é quem sabe.

Peste! E como a atrevedida me ornaduro! Sinto-me mal em sua presença.

— Adeus, Siorax!

Para alguma coisa sirva a literatura...

Arrepleo caminho, entristecido. A manhã vai alta, já crua de luz. O sol, estúpido; o azul, de irritar. Que é dos aranhóis? Sumiram-se com o orvalho que os visibiliza. Estão agora invisíveis, a apanhar insetinhos incautos que Nhá Veva devora. A paisagem perdeu o encanto da frescura e da bruma. Está um lugar comum. Não vejo flores, nem passaros. O excesso de luz dilue as flores, o calor esconde as aves. Só um caracará resiste ao mormaço, empoleirado num tronco seco de peroba. Está de tocaia aos plutos do Urunduva, o rapinante.

Um vulto... E' mulher... Será a Inacia? Vem de trouxa á cabeça. E' ela mesma, a preta agregada aos Suás.

— Então, rapariga?

— Al, são moço, vou-me embora. Alguém há de ter dó da velha. Na casa da peste papuca, nem mais um dia! Antes morrer de fome...

— Que coisa houve?

— Não sabe que morreu a aleija-

dinha? Poi é, morreu. Morreu, a pobre, só porque ontem esta sua negra foi no bairro do Libório e a chuva me prendeu lá. Se eu pudesse adivinhar...

— Mas de que morreu a menina, criatura?

— Sabe do que morreu? Morreu... de sede! Morreu, sim, eu juro, um raio me parta pelo meio se a coitadinha não morreu...

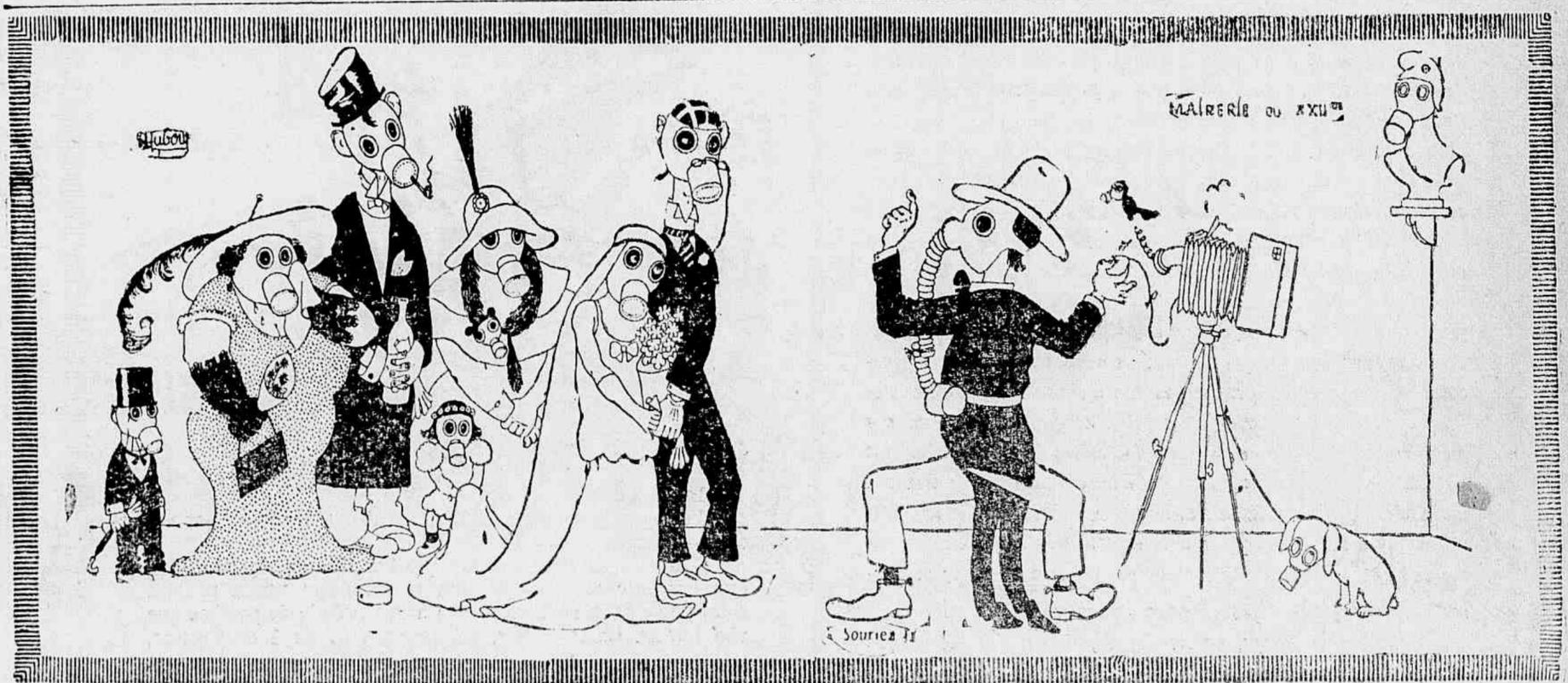
Aqui soluços de choro cortaram-lhe a voz.

— ... e de seede! Meu Deus do céu, o que a gente não vê neste mundo!

A menina era entevada e a mãe má como a irára. Dizia sempre: Pestinha, por que não morre? Boca atóda, a comer, a comer. Pestica e cambito, diabo! Isto dizia a mãe — mãe, hein? A Inacia, entretanto, morava lá só para zelar da aleijadinha. Era quem a vestia e a lavava, e arrumava o pratinho daquele passarrico enfermo. Sete atos assim. Excelente negra!

— Coisa de três dias, garrou um doencianha, dor de cabeça, febre. Del chá de hortelã; naça. Del cidreira; nada. Sempre a quentura da febre. Disse comigo: — Vou lá no bairro e trago uma dose. Fui, é longinho, três quartos de légua. O cura-

(Conclui na 5ª pag.)



O MUNDO COMO «ELES» QUEREM

* NOVOS MODELOS *



Beleza

IZADORA

Uma de nossas amigas escreveu-nos sobre pintura dos olhos. Como sombrear uns olhos pretos? pergunta ela. Desculpe, amiga, mas a pergunta melhor será: para que sombreá-los? A pintura dos olhos torna o rosto da mulher tão duro, tão sem verdade, tão sem vida que não aconselhamos a nenhuma criaturinha que use essa espécie de artifício. Dissemos já que a beleza requer, exige simplicidade. Repare um rosto muito cheio de pintura, amiga, e veja a sensação que ele dá. Uma porta de tinturaria, talvez. Se suas sobrancelhas são claríssimas é natural que você as retoque com um lápis que deve ser sempre da mesma cor que elas (lápis preto para sobrancelhas pretas, etc.). Mas cuidado com o traço das sobrancelhas. Não as depile demasiado e não as desenhe mesfistofelicemente. O lápis servirá apenas para acentuar os traços que ela deve ter. Sobre sobrancelhas escrevemos já uma crônica em numero anterior. O rouge das faces está mais ou menos fora da moda. Poucas mulheres elegantes usam-no principalmente para a rua. Está claro que à noite, para uma festa, sua "maquillage" deve ser especial e aí caberá então um pouco de rouge nas faces (cuidado com o exagero). No mais o batom basta. Trace cuidadosamente a linha dos seus lábios adotando um dos modelos escolhido que deve ser sempre o que melhor disser com o seu tipo. Não trace uma grande boca se a sua for pequenina, nem queira ter lábios grossos se os tiver delgados. Na questão da pintura facial, o melhor é cada uma estudar ao espelho o que lhe vai bem e o que lhe vai mal. Mas a pintura dos olhos é coisa que jamais aconselhamos. Além do aspecto desagradável que isso dá, há ainda o prejuízo da saúde. Nenhum médico de olhos aconselharia ou admitiria que um cliente usasse essas pastas, gomésticos ou pozinhos que aumentam cílios e põem as mulheres com um ar de representação de tragédia.

Não minha amiga, sinceramente, não damos conselhos quanto à pintura dos olhos.



NOSSAS MENINAS



Neda e Leila de Oliveira, garotas de Santo André, em São Paulo e filhas de nossa amiga Carlota da Silva

JANTAR PARA TERÇA - FEIRA.

Ingredientes :

Feijão, macarrão, salcinha, bacalhau, arroz, banana e ovos — soupá.

Vamos aproveitar o feijão que ficou do almoço: machuque bastante até formar uma pasta, passe numa peneira fina, junte água suficiente para a quantidade de pessoas que vão jantar. Corte cebola, em pedacinhos de 1 centimetro, tire as sementes de um tomate, um pedaço de pimentão verde, um pouco de salsa, uma chicara de massa (estrelinha ou bico de canário) junte tudo e ponha a ferver até cozinhar a massa. Sal ao paladar.



Por DALILA

Ponha um pouco de macarrão a cozinhar, depois escorra a água, faça um molho de tomate, cebola, pimentão verde, junte ao macarrão; ponha numa travessa, enfeite com salcinhas pequeninas, rodilhas de ovo duro e azeitona.

Corte meio quilo de bacalhau e ponha de molho para tirar o sal. Cozinhe 2 ou 3 batatas, junte ao bacalhau e passe na máquina de moer carne, junte um ovo, uma colher de farinha de trigo e salsa picada, vá pondo na banha bem quente, pequenas quantidades e com o garfo vá juntando para formar bolinhos, procurando virar para que fiquem douradinhos por igual. Sirva com arroz.

—:0:—

SOBREMESA :

Escólha uma duzia de banana prata, corte em rodinhas de 1 centimetro. Faça uma calda grossa ligeiramente tostada, ponha as babanas e alguns cravos de doce, deixe cozinhar até a banana ficar rosada. Fogo brando.

E' um sobremesa muito prática e nutritiva.

A mulher nos cinco continentes

O movimento feminino da Argentina teve o seu ponto mais alto na grande concentração de mulheres, nos dias 13, 14 e 15 de agosto último, quando realizaram o seu Primeiro Congresso.

Participaram do certame mais de 300 delegadas de todo o país e os múltiplos problemas femininos foram debatidos, alcançando a Union de mujeres Argentinas, que liderou o movimento, grande êxito na sua iniciativa.

Uma das mais belas e decisivas resoluções do Congresso versa sobre a garantia da Paz Mundial, contra os preparativos de uma nova guerra.

Eis como as mulheres da república irmã compreendem o trabalho feminino e juntos procuram dar uma solução justa aos inúmeros problemas que as afligem.

EM COSTA RICA AS MULHERES VÃO VOTAR

O novo projeto de Constituição de Costa Rica concede à mulher o direito de voto. Além disso, reduz para 18 anos a idade em que o cidadão pode ser eleito. A nova Constituição elimina os dispositivos da anterior que permitia aos cidadãos de outros países centro-americanos, residentes em Costa Rica, o direito de voto nas eleições nacionais.

ENFERMEIRAS DESFILAM EXIGINDO AUMENTO DE SALÁRIOS

Os enfermeiros e as enfermeiras britânicos decidiram-se a lutar por suas próprias reivindicações.

Chamando a atenção pública para as suas reivindicações de salário, pela primeira vez na história, mais de 2.000 enfermeiros da Confederação de Trabalhadores em Serviços de Saúde marcharam através das ruas de Londres seguidos por uma banda de música, no sentido de atrair uma grande massa a Hyde Park.

Eles carregavam cartazes e faixas que diziam: "Nunca houve tanta coisa a ser feita por tão poucos e por tão pequeno pagamento".

"As temperaturas dos pacientes são altas, os salários dos enfermeiros são baixos".

"Que se elevem os salários, que baixem as temperaturas".

"Uma nobre profissão merece um salário mínimo condizente, socorram-nos e trataremos de vocês".

Entre as principais exigências está um salário mínimo de cruzei-

ros 400,00 semanais para as alunas de enfermagem, as quais declararam que a atual tabela de salários de Cr\$ 5.600,00 anuais mesmo incluindo pensão e quarto está completamente inadequada.

As donas de casa contra os açougueiros

Em Nova York, os estatísticos, dosando com cuidado os relatórios dos especialistas, estão se esforçando por determinar, matematicamente, se o "boycott" das donas de casa contra os açougueiros produziu os efeitos desejados e só se pode esperar uma baixa nos preços da carne. Há anos, este "preço" vem subindo, e atualmente estão em alturas tais que o orçamento familiar do homem da classe média sofre rombos terríveis todas as vezes que a dona de casa decide incluir uma rosbife ou um assado no menu.

Por isso, formaram-se comitês. Mães e esposas patrulham as portas dos açougues, anunciando, por gigantescos cartazes, que estão decididas a tornar-se vegetarianas, se o preço da carne não descer a um nível acessível ao comum dos mortais. Os resultados dessa campanha são esperados com suma impaciência por todas as donas de casa.

Greves de donas de casa no Hawaí

A bonita cidade do Hawaí com o seu maravilhoso clima e suas atrações turísticas possui também seus problemas. Entre eles destaca-se o alto preço da carne, motivo pelo qual as donas de casa estão levando a efeito uma greve de consumidores. Sob a denominação de Compradores Sensíveis, elas estão organizando piquetes de isolamento em torno das grandes casas e distribuindo volantes aos transeuntes.

O México, Meca da Moda, na América Latina

O México está disposto a ser, em matéria de moda e elegância feminina, o primeiro inter pares da América Latina.

O modista francês, radicado na serra de Gualtemoc, Henry du Chitillon, percorreu de avião, em três semanas, Nova York, Londres, Paris, Bruxelas, Florença, Milão e Turim onde adquiriu material para a próxima estação mexicana. Entre os modelos figuram os de em Pierre Balmain, Jaques Faith, Lucien Lelong, etc. Preparou, também, uma coleção de chapéus que revolucionará, inteiramente, a moda. A maioria deles é tão suave e



exigiu que a viajante moderna poderá levá-los todos numa caixa, em avião. Em Paris e em Nova York o chapéu se impôs de tal modo, que a todas as horas do dia, as damas não deixam de usar chapéus. Um conjunto bem selecionado alarea, sempre um tocado de plumas ou de flores. Em Florença, Du Chatillon obteve do famoso desenhista de calçados Furagano, modelos exclusivos para o México. Em Milão adquiriu sedas em Nova York vestidos práticos e elegantes.

« A EXPOSIÇÃO » RESOLVEU AUMENTAR A PRODUÇÃO

Os Diretores d'A EXPOSIÇÃO, queixando-se de que a produção dos empregados é pequena, resolveram solucionar o assunto.

Criaram restaurantes? Aumentaram os salários? Instalaram um sistema de transporte para os empregados?

Não — nada disso. Assim aumentariam a produção, mas não os lucros. E isso não interessa a eles.

A fim de conseguir que os funcionários trabalhem mais, fizeram um regulamento interno:

Entrada 5 minutos antes da hora. 8 atrasos por ano dispensa sem indenização! 8 faltas por ano dispensa sem indenização! Não pode receber telefonemas de fora, não pode receber gente no escritório, não pode sair da seção sem ordem por escrito, não pode sair mais cedo, não pode... não pode.

Além disso, segundo os desejos da diretoria, não se pode mais usar o "você". Todo o mundo tem que se tratar de "senhor" e "senhora".

E quanto ao pagamento... é depois, com o tempo. Nada de aumentos. E para se receber uma conta na EXPOSIÇÃO, sua-se frio e quente. Eles pagam quando bem entendem. Ai está como se procura solucionar o problema do aumento de produção: a custa do comércio, que agora tem que gastar dinheiro de lotação e taxi para chegar na hora e não pode mais se mexer na seção.

A imensa tristeza

CARLOS DE FREITAS

Amanheci hoje com 40 anos. E verifico que quando um homem atinge essa idade, os problemas que o preocupam, são superiores às inquietações de ordem pessoal, de bem estar, segurança, felicidade. Agora vejo que essa é a idade limite em que o indivíduo deve se penitenciar das burrices que cometeu até aí e que a vida humana isoladamente, tem um valor muito relativo.

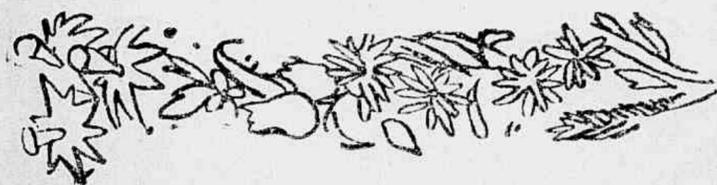
Dou um balanço em minha existência e verifico com amargura que não sou mais aquele rapaz provinciano, agitado e tímido ao mesmo tempo, que há pouco ainda caminhava com as mãos para traz, olhando as águas sujas do Santa Rita. Caminho solitariamente pelas ruas desta imensa cidade. Meus pensamentos são os mais variados. Sinto o coração dolorido, pois vejo que nada mais será como foi. Gostaria de me encontrar na memória, com velhos conhecidos e amigos. Para falar a verdade, marquei um encontro com muitos deles no dia de hoje. Devíamos nos encontrar na lembrança, para comemorar a data. Mas eu não contava com certas coisas que aconteceram, porque aconteceu muita coisa. Não sei se isso se deu só comigo. Tudo saiu diferente.

Apenas uma coisa é a mesma. É a tristeza das pessoas. Há uma grande tristeza nos olhos das pessoas que encontro. Olho atentamente para todos os rostos e verifico que essa coisa horrível, a tristeza, é o único traço de semelhança que os une. As caras que passam por mim na rua são muito parecidas umas com as outras. Não têm alegria, são caras de gente que há muito tempo não ri com vontade. E isso me aborrece bastante. Desvio os olhos para os lados. Fixo os edifícios altos em frente. Depois olho o céu e vejo muitas gaiotas esvoaçando sobre minha cabeça mas até o voo das aves me parece

cheio de tristeza. E por um momento tenho a impressão de que só a tristeza subsistirá, enchendo o coração das pessoas.

Estes 40 anos são a coisa mais real e mais minha que já tive até agora. Esta sensação de segurança, de verdadeira posse, só me acudiu duas vezes na vida. Quando Rosaria nasceu e agora. Rosaria chorou em meus braços e aquele choro abria as portas de um novo mundo para mim. Um mundo cheio de esperança, beleza e encantamento. Aquela guriuzinha pequenina e delicada que me olhava fixamente, com os olhos do primeiro olhar, foi a melhor esperança que já senti neste espesso lastro de 40 anos que deixo para traz.

Entretanto, hoje sou um homem completamente só. Os irmãos estão distantes e vão se apoucando cada vez mais. Rosaria está com a mãe e os amigos são raros e diferentes. Cada um deles tem a sua mulher e os filhos, o emprego, as dores de fígado, o diabo. Mas se vocês pensam que fico triste por isso, estão muito enganados. No fundo sou mesmo solitário, exquisite, um chato que ninguém atura por muito tempo. O que gosto (nisso sim, ainda sou o mesmo homem), é de andar com as mãos para traz, olhando as coisas. E tudo agora vai de mal a pior. Os acontecimentos de minha vida, os melhores acontecimentos, não estão no futuro, pertencem ao passado. Sou como essa gente que anda na rua, triste, mortalmente triste. E sei que vou ficar por aqui mesmo. Mas sei também que um mundo novo vem aí e que os donos da alegria não conseguirão estrangular, por muito tempo, o riso que havia no rosto das pessoas. Então será tarde para mim. Quando os outros voltarem a sorrir eu já não andarei por estas ruas, com as mãos para traz. Mas ha-de ser tempo para alguém.



Das mulheres de Santo André às mineiras de Lafayette

(TRECHO DE CARTA)

"Aqui em Santo André achamos magnífica a atitude das mulheres mineiras não permitindo que seus esposos, pais e filhos voltassem ao trabalho sem conquistarem o aumento de salários: "soubemos do caso por intermédio dos jornais e enviamos, por intermédio de

MOMENTO FEMININO, o nosso abraço fraternal e hipotecamos a essas gloriosas mulheres a nossa solidariedade pois o exemplo que deram serve para todas as mulheres do Brasil".

Carmem E. Saviotti Frati

«Momento Feminino» nos Estados

Parabens às Goianas

A União Feminina de Goiás fará realizar naquele Estado um Congresso Feminino — Deverá circular um jornal que se baterá pelas reivindicações da mulher goiana

Através da agência Goiás-Press, recebemos aqui a alicijante notícia de que a União Feminina de Goiás fará realizar na primeira quinzena desse mês um Congresso Feminino naquele Estado e ainda que um jornal feminino deverá circular dentro de poucos dias sob o patrocínio daquela entidade.

Esta notícia veio encher de alegria tóias as mulheres de Minas Gerais que, como as suas companheiras do Estado vizinho, estão procurando solucionar os seus problemas organizando-se em Associações e Uniãoes Femininas que lutem por seus interesses.

Agora que as mulheres mineiras estão mais que nunca empenhadas numa luta decisiva e vigorosa contra a carestia e por aumento de salários quando as mulheres dos trabalhadores de Lafaete se constituem em guardiãs da firmeza e da combatividade dos grevistas, é realmente reconfortante saber que também em Goiás o movimento feminino cresce, se organiza e se solidifica, dirigido pela União Feminina daquele Estado.

Ao deixarmos nesta página as congratulações das mulheres de Minas às suas irmãs goianas, desejamos-lhe ainda o mais completo êxito nos trabalhos em questão empenhadas.

EMOCIONANTE MENSAGEM "DA MULHER DO OPERÁRIO" DE LAFAIETE

LAFAIETE (Do Correspondente) — Foi dirigida ao dr. Orlando Bonfim, com a simples e humana assinatura "Da Mulher do Operário", a seguinte mensagem que dispensa toda e qualquer apresentação. Nenhuma palavra pode dizer mais do que vai dito aqui:

— "Exmo. sr. Dr. Bonfim, D. D. Advogado: meável ex-diretor do Sindicato:

Mediante os grandes dissabores, grandes injustiças que os grevistas estão recebendo das autoridades: a mulher do operário não pode deixar de revelar seu grande sentimento, a sua péssima impressão sobre a justiça do trabalho. Só a mulher poderá sintetizar e expor todos os sacrifícios, todo o seu sofrimento e de seus filhos, que são o reflexo do mesquinho ordenado de seu marido. Chega o dia de pagamento, seu marido regressa ao lar com grande luta entre o cérebro e o coração, este sentimento que nada levará para comprar o leite, único alimento do seu filho enfermo, aquele porque não sobrará sequer um tostão para dar por conta na padaria. Reunem-se marido e mulher a pensar e às vezes até a

chorar, pois foi-se mais um mês de luta, de cansaço e de miséria e não ouvem nem no sono essas palavras:

— "O vosso salário vai ser aumentado".

Será que o americano não se lembra do quanto sofreu a mãe ou a mulher do operário na ocasião da guerra, vendo partir para tão longe seus filhos ou marido, a fim de ajudar-lhe a defender a pátria e quantos não voltaram, derramaram seu sangue para lhe salvar?

Quanto sofremos, qual foi a retribuição que tivemos? Foi a miséria? Sim. Se Deus não se compadecesse de nós, já estaríamos todos no manicômio.

Portanto, senhores, queiram ouvir os clamores da mulher do operário, esposa ou filha de operário da Companhia Meridional de Mineração.

Continuem firmes e unidos que unia o Sol da vitória nos iluminará.

Aqui nos empregamos e se fôr preciso derramaremos nosso sangue, mas queremos mais um pouco de pão para nossos filhos.

E' este o grande crime que as autoridades dizem que estamos praticando. Estendemos também o nosso apelo ao exmo. sr. dr. Narciso, nosso Prefeito, dr. Zezé Narciso e dr. Plácido Alemopara, que estes colaborem conosco porque de modo algum poderemos continuar a atravessar esta fonte de miséria, jamais poderemos criar filhos que futuramente poderão prestar alguns serviços ao mundo, mas sim acumular em nossos lares criancinhas tuberculosas, por falta de alimentação.

Queremos também registrar aqui os nossos agradecimentos ao sr. dr. Bonfim e ao sr. Francisco Martins da Silva, as duas personalidades meandáveis em trabalhar na defesa dos direitos da mulher do operário.

Encoraja, dr. Bonfim, o operário em geral, nós, as mulheres, unidas estamos prontas para lutar.

PARANÁ

Curitiba não é somente a bela cidade de estilo europeu, com clima frias bonitas de quintais floridos. E' também a cidade do trabalho arduo, dos velhos e cansados jardineiros que ganham uma miséria por mês e conservam as quintas dos milionários, cidade universitária de lutas de estudantes pobres de todo o país, que ali sofrem os rigores das mudanças climáticas; cidade do funcionalismo mal remunerado, das professorinhas de seiscentos cruzeiros mensais, que partem cedinho, enfrentando a bruma com as faces arroxeadas de frio; cidade das crianças sem creches, sem brinquedos, sem conforto, descalças e mal vestidas, brincando nos capins e nas lamas das ruas de bairros desprezados. E', enfim, a cidade das pejeias da gente pobre, que moureja diariamente no trabalho, para ganhar o pão de cada dia.

Em Curitiba, há miséria e descaso pela população pobre. Essa gente é acolhida pela Vereadora popular, única mulher que enfrenta os trabalhos legislativos da Câmara Municipal.

As fotos ilustram uma visita à estrada Interamericana, onde moram em barracos de lata e cobertos de pedaços de madeira, popelão ou palha velha, famílias pobres de funcionários da Prefeitura mal pagos, operários, mototistas, porque não têm onde morar e não poderiam pagar outra habitação.

Esse fato constituiu uma vergonha para o Município e a solução que o Prefeito local encontrou foi a de derrubar os casebres e deixar as famílias ao relento.

Contra isso colocou-se a vereadora Maria Olímpia e, ao lado desses pobres moradores, trabalha para conseguir terreno e material de construção para novas casas, a fim de ver alojada toda essa gente, que não pode ficar ao desabrigo, ao frio, à chuva, sem ter onde dormir.

Com os moradores, encontram-se, também, as mulheres do bairro vizinho, para ajudá-los nessa luta por teto e conforto, certas de que todos merecem vida humana.

E' um grande trabalho feminino que se realiza em Curitiba, em torno do amparo a dezenas de famílias, vítimas do descaso da administração municipal.

CERA' — Fortaleza (Da Correspondente)

Acaba de ser fundada a Associação Feminino Pró-Paz, para o desenvolvimento do espírito feminino contra a guerra.

A diretoria ficou assim constituída: Pres. — Mariana Ferreira de Menezes; SSecretária — Regina Chabluz; Tes. — Bárbara Feitosa.

Sua sede é à rua Padre Francisco Pinto, 181, Gentilândia.

No momento essa associação desenvolve atividades para colher assinaturas de senhoras ao protesto que será enviado à O. N. U. contra as manobras e preparativos de guerra no mundo.

VITÓRIA

Realizou-se a 4 do corrente, a nova posse da diretoria da Associação Democrática Feminina de Vitória, com sede à rua General Osório, 141.

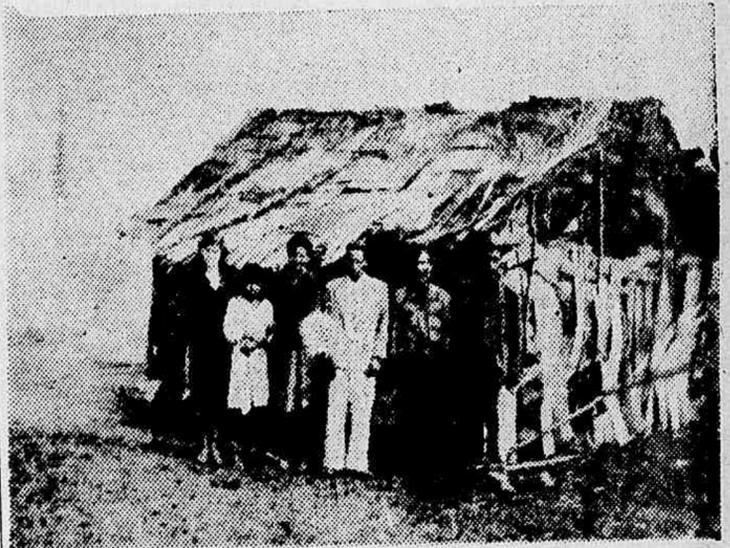
A associação conta com o apoio das senhoras da capital, pois trata dos problemas do lar, da carestia crescente e da falta de conforto à população.

O programa da festa consistiu do ato de posse da nova diretoria, seguido de um baile.

GOIANIA

Grande comissão de mulheres da União Feminina de Goiânia protestou contra a carestia de vida e pela necessidade de armazéns municipais serem em benefício da população, pois alegam que os postos de subsistência que a Prefeitura mandou instalar em Vila Nova, Botafogo, Goiânia e Campinas, de nada valem para coeter a ganância dos exploradores inescrupulosos.

As senhoras da União Feminina visitaram a imprensa local para esse poderoso projeto.



Outra moradia e seus habitantes



A vereadora Maria Olímpia em visita aos casebres. Essa família não terá onde morar porque a palhoça vai ser destruída...

Em seguida, ficou deliberado que em conjunto as Uniãoes do bairro realizariam uma mesa redonda, com a presença do Prefeito, a fim de fazê-lo mandar fiscalizar os armazéns, para que possam servir às suas finalidades.

MINAS GERAIS — Belo Horizonte FESTA DE SOLIDARIEDADE

Demonstrando a sua solidariedade às mulheres dos grevistas de Lafaete, que ao lado dos seus esposos vêm lutando, valentemente, por melhores condições de vida, as sócias da "União Feminina de Minas Gerais — Seção do Horto" — organizaram, em benefício das mesmas, no dia 4 de setembro, um festival dançante, que contou com o comparecimento de grande número de pessoas.

SÃO PAULO

SOBRE NOSSO JORNAL

Opinião das jovens trabalhadoras do Laboratório Verum, em Santo André,

MOMENTO Feminino

Diretora:
ARCELINA MOCHEL

Gerente:
LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:
AV. RIO BRANCO, 257
Sala 715 — C Postal 2013
Rio de Janeiro

Número Avulso. Cr\$ 1,00
Atrasado Cr\$ 2,00

sobre MOMENTO FEMININO pela passagem do seu aniversário:
"Ao MOMENTO FEMININO, o

meu jornal preferido, os meus votos de prosperidade, e que continue a fazer as mulheres de todo o Brasil compreenderem que é necessário a uniao de todas nós, para conquistarmos todos os nossos direitos, melhores condições de vida, melhores salários e toda a assistência social para nós e nossos filhos".

CARLOTA DA SILVA

"Não sabia da existência do MOMENTO FEMININO, conheci por intermédio de minha colega Carmen. E' um magnifico jornal que não dearei mais de ler. Envio tambem um grande abraço às diretoras e colaboradoras desse querido órgão feminino".

LORICY TARANTO

"Gosto muito do MOMENTO FEMININO, porque é o melhor jornal (Conclui na pag. 13)



Aqui reside um operário paranaense, embora pareça mentira...



Casebre onde moram funcionários da Prefeitura de Curitiba

Sem o apêio da mulher é impossível a vitória...

RAQUEL

Na Leopoldina Railway trabalham cerca de 14.000 operários percebendo verdadeiros salários de fome. São portanto 14.000 famílias que passam as maiores necessidades, pois dia a dia aumentam os gêneros indispensáveis à alimentação e a carestia em geral, aumenta. Mas os patrões se negam a aumentar os salários dos operários, alegando que, se o fizeram, ficariam arruinados.

Ferrovieiros com famílias numerosas percebem ordenados que variam entre Cr\$ 800,00 e 1.200,00 mensais, na Leopoldina.

Em abril último estes ferroviários entraram em greve para conseguir 60% de aumento. Em consequência desta, vinte e sete operários foram desligados do serviço e estão sendo processados.

Se 14.000 famílias estão na miséria, o que não estarão passando as famílias desses 27 trabalhadores desligados do trabalho? Esta é a pergunta que nos fazemos.

"Momento Feminino" sabedor das dificuldades por que estão passando as mesmas, procurou visitar algumas delas para conversar com as mulheres.

Fomos bater à porta de Belmiro Maurat de Carvalho, um dos processados.

D. Zilda, sua senhora, roedada de 4 filhas, — pois o filho mais velho estava fora, no trabalho, — atendeu-nos com muita satisfação, quando soube da nossa finalidade.

— "A senhora sabe. Nossa situação não é das melhores. Estou casada há 16 anos e tenho 5 filhos. O Belmiro tem 22 anos de serviço na Leopoldina como escriturário ganhava a importância de Cr\$. 1.200,00 mensais. Com o arroz a Cr\$ 5,30, o feijão a Cr\$ 7,00, o leite a Cr\$ 3,50, a carne a Cr\$ 9,00 e a banha a Cr\$ 22,00, este dinheiro não dava para nada..."

"Há muito tempo que ele e os seus adegas estavam lutando por aumento, porque como já disse, o dinheiro que ganhava mal dava para nos defender, apesar de eu e minha filha de 14 anos ajudarmos, fazendo uma costurinha para fora. Mas o aumento não vinha nunca. Até que um dia eles resolveram entrar em greve para conseguir o aumento de 60% desejado, que, embora não resolvesse a situação, pelo menos aliviaria um pouco o nosso orçamento.

"Belmiro sempre foi trabalhar e muito sacrifício já fez para dar um pouco de conforto a mim e às crianças.

"Apesar de não entender dessas coisas de sindicato, de greve

e tudo o mais, tenho certeza que ele e os seus colegas estavam trabalhando por um direito: dar um pouco mais de conforto às suas famílias. Nada mais do que isto.

E por isto meu marido está afastado. Não pode arranjar outro emprego enquanto corre o processo, porque para consegui-lo, teria que dar baixa na carteira de trabalho e perder 22 anos de serviço! Naturalmente é o que os patrões querem. Mas isto Belmiro não fara.

Ele está se defendendo como pode, fazendo uns "biscates" por aí, mas a senhora compreende que o que ele ganha é muito pouco e a situação nossa é muito seria e não pode continuar assim.

"Até com a polícia, que eu nunca lidei, tive que lidar agora, porque altas horas da noite, ela veio aqui em casa buscar o meu marido. Três dias ele esteve preso. Apanhou a bessa. Se eu não mexesse logo, e não fosse a solidariedade dos seus amigos, não sei o que seria dele até agora... Alguns apanharam tanto que ate doença e morte houve.

Quanta coisa estou aprendendo com a luta de meu marido... E meus filhos também.

D. Zilda ia nos contando estas coisas todas, quando apareceu o seu Belmiro. Ficou muito satisfeito de ver sua companheira conversando desembaraçadamente e, recapitulando o seu caso e o de seus amigos, disse:

"É isso, minha velha, mulher de operário tem que lutar com ele. Não está vendo o que fazem as heróicas mulheres dos grevistas de Lafayette? É assim que vocês precisam nos ajudar. Não é nosso futuro e o de nossos filhos que estamos defendendo?

Perguntamos ao casal o que poderiam nos contar sobre uma "Comissão Central de Ajuda aos Operários Dispensados" que havia se formado e eles nos disseram:

"A finalidade desta Comissão é de angariar donativos para as nossas famílias: em dinheiro, em gêneros, etc. e ela é formada de trabalhadores da Leopoldina e das mulheres de operários dispensados".

D. Zilda nos disse que pretende trabalhar nessa comissão. Se quem passa a necessidade não trabalhar, quem trabalhará então?

Grande é, pois, o papel que podem e devem desempenhar as mulheres dos trabalhadores dispensados, unindo-se nesta Comissão de Ajuda recém-formada, para aliviar a situação de suas famílias e dar conforto moral a seus companheiros.

Enquanto D. Zilda foi preparar um confortante café bem quente, pois a chuva lá fora caía a cântaros, e o frio era grande, seu Belmiro agradeceu ao nosso jornal por se interessar em ouvir as suas esposas sobre a luta que estavam enfrentando. "Isto muito me anima", disse ele, "e tenho a certeza de que os outros amigos também ficarão muito animados, porque sem o apêio e a ajuda da mulher, nenhuma luta do trabalhador poderá ser vitoriosa".



Comerciário também é gente

Já por diversas vezes temos abordado e comentado o problema das comerciárias. Atualmente, elas estão lutando para a conquista de um restaurante de comerciários, no Centro da Cidade, esperando assim se alimentarem melhor.

Hoje, resolvemos conversar com as empregadas de escritórios e caixas de pequenas casas do centro da cidade. E aqui como ali, o problema é sempre o mesmo.

Na Joalheria Tabú, na Avenida Rio Branco, trabalham 3 moças e 2 rapazes...

— O salário é muito pequeno — isso a senhora já sabe, não é mesmo? 450 cruzeiros por mês e meio

LÉA

a um salário melhor. Despedimo-nos, prometendo ajudá-las na conquista do restaurante da Comerciária.

Fomos, depois, procurar a célebre casa "O Cruzeiro", na rua da Assembleia. Uma casa enorme, cheia de gente. Ali quase todas as vendedoras, são de menor idade.

EU NÃO SABIA QUE TINHA DIREITO

Na seção de perfumaria, encontramos 5 garotas, tôcas meninas ainda. Falamos na idéia do restaurante.

— Não seria nada máu, disse Carminda, jovem de 16 anos. Nós bem que precisamos comer melhor. Juro

tanto, as moças de escritório também são comerciárias. E em matéria de salários, a vida não varia muito.

Fomos almoçar numa pensão da cidade e ali encontramos diversas comerciárias.

Alida Sueiter, trabalha na Mesbla onde é datilógrafa. Mora no Maré e é pálida, triste e míope.

— Ganho 600 cruzeiros por mês. Só de pensão aqui pago. 350 cruzeiros por mês... E veja só que comida! Todo dia a mesma coisa. Fobram 200 e poucos cruzeiros. Tenho a condução e outras despesas, e o fim do mês, fico com 50 cruzeiros para mim.

Pode me dizer o que se faz com 50 cruzeiros? Se a pensão diminísse de preço, seria bom. Eu "topo" essa história do restaurante.

Cecília, também é comerciária, trabalha na firma Lutz Ferrando e é datilógrafa. Ganha 800 cruzeiros por mês.

— Não sei porque dizem que a vida das datilógrafas é mais fácil! Ganha-se pouco, passa-se o dia todo na máquina. Fepols, precisamos nos vestir bem, andar sempre pintada e penteadas, porque a aparência vale muito! Creio que nenhuma comerciária deixará de aceitar a idéia do restaurante. Afinal é para o nosso próprio bem.

QUE VENHA O RESTAURANTE

Mas, para que se concretize a idéia do restaurante, é preciso, que as comerciárias tomem a iniciativa. Em cada casa, em cada firma, devem fazer um memorial ao Diretor do SAPS, exigindo um restaurante para os comerciários.

Todas as firmas, onde trabalham mais de 100 funcionários, são obrigados, por lei, a instalar restaurante.

As comerciárias querem comer melhor e aqui estamos nós, ajudando essa campanha justa e útil.



por cento de comissão. Tenho que vender quase 40 contos por mês, para tirar 600 cruzeiros no fim do mês... E morando em Jacarepaguá, não posso me dar ao luxo de almoçar na cidade... Traço comida de casa. Agora... se tivesse um restaurante barato, aí a história era outra...

BRILHANTES, COLARES... E FOME

Hilda, a moça que fazia as declarações, é bonita...

Mexendo diariamente em jóias, as mais caras, esconde-se atrás de uma cortina para comer o seu feijão com farinha, frio e sem gosto. Ganha 600 cruzeiros por mês. Edith Moraes com o mesmo salário, revoltada, declarou:

— Nosso patrão é um "unha de fome". Paga uma miséria e ganha fortunas! Ele tinha a obrigação de pagar melhor a gente...

Concordamos com as palavras das duas comerciárias. Elas têm direito

que quando chego em casa, estou morta de cansada, porque fique o dia todo em pé, sem alimento.

Explicamos à Carminda, de que acordo com a Lei Trabalhista, os donos de "O Cruzeiro", deviam manter um restaurante para os seus empregados. E que isso dependia de todos os funcionários da casa.

— Arre, ainda bem que temos direito a alguma coisa! Pensei que comerciário fosse "cachorro" mesmo. Trabalho o dia todo, dar razão sempre o freguês, pagar pelos enganos cometidos e aguentar a perseguição dos chefes!

Carminda é esperta, viva e mora em Engenho de Dentro... Está firmemente disposta a lutar por um restaurante e depois assegurar os outros direitos dos comerciários. Checaremos lá, não é mesmo, Carminda?

NOS ESCRITÓRIOS

Quando se fala em comércio, pensa-se apenas nas caixas. No en-



"Momento Feminino" nos Estados

da mulher para a mulher. Sou jovem trabalhadora e como todas as mulheres tenho os meus problemas, por isso peço às diretoras desse jornal, que prossigam na sua campanha de incentivar as mulheres a lutarem contra o câmbio-negro, alto custo de vida, pelo aumento de salário e o abono de Natal".

MARIA OYAKAWA

"Aprecio imensamente o MOMENTO FEMININO no seu conjunto, pois é um ótimo jornal para a mulher. Gosto em particular, das receitas de arte culinária, pois são deliciosas".

TERESA OYAKAWA

"Se gosto do MOMENTO FEMININO? Como não hei de gostar! Tem tudo o que nós necessitamos. Gostaria muito que iniciasse a campanha pelo abono de Natal, pois o fim do ano está muito próximo. Um afetuoso abraço da leitora assídua

DARCY SAMPAIO DO AMARAL, CÓPIA DO TELEGRAMA ENVIADO PELA S. DIRETORAS DA "UNIAO DAS MULHERES DEMOCRATICAS DE SANTO ANDRÉ", A "MOMENTO FEMININO", POR OCASIAO DA PASSAGEM DO SEU ANIVERSARIO

"MOMENTO FEMININO", é o pioneiro da emancipação da mulher no Brasil. Com um ano só de vida, fez

mais do que se podia esperar. É um jornal que nos ensina a lutar contra esta situação aflitiva que estamos atravessando, como sejam: carestia, baixos salários, falta de habitação, transporte, etc. Nos orienta a lutar pela conquista de escolas, creches, maternidades, parques infantis, melhores salários, etc., etc. É completo porque além do esclarecimento político e econômico que são essenciais traz desde arte culinária, tricô, crochê, corte e costura, modas, puericultura, romance, página para as nossas crianças, etc.

MOMENTO FEMININO merece pois todo o nosso apoio, bem como das mulheres de todo o Brasil".

Carmen Savietto Frati, Bruna Mazza Fernandes, Arnelinda Bedim, Rosa Zanigoni, Nair Rossetti, Angelino Andreoli, Aurora Mazza Hernandez.

As mulheres democratas de Santos dirigiram à senhora Roosevelt, o seguinte mensagem:

SANTOS, 23 de agosto de 1948. Exma. Sra. D. Eleanor Roosevelt, M. D. Presidente da Comissão dos Direitos Humanos da ONU.

Lake Success — U. S. A. A Sociedade Civica Feminina, da Cidade de Santos, no Estado de São Paulo, Brasil, acaba de cicuitificar-se de que, na sessão de 20 de outubro de 1947, a Assembléa Geral da ONU, na qual se discutia o projeto de decisão apresentado pelo Comité, n.º 3, sobre a luta contra o mercado de mulheres e crianças, o delegado da Inglaterra pediu que os países coloniais pudessem continuar praticando esse nefando crime!

Causou-nos imensa surpresa a noticia de V. Excia. tivesse apoiado o delegado inglês, em tão absurda quão injusta proposta.

Se trouxe intenso horror o fato de um homem, que vive em terra livre, pensar desse modo maior ainda foi a nossa tristeza ao sabermos que a

grande dama — esposa daquele que representou os mais altos princípios de democracia em todo o mundo, e mulher que, por suas atitudes, serviu de exemplo ao elemento feminino de todos os continentes, hoje, na hora em que os povos das diferentes pátrias lutam por libertar-se, apoiasse um ato tão hediondo e anti-humano!

As mulheres brasileiras, reunidas em Associações e Federações nacionais, com o mesmo ardor com que apoiaram e seguiram os passos de V. Excia. imaginando-a um luzeiro de liberdade e de PAZ, protestam, agora, contra essa atitude e esperam que V. Excia. volte a ser aquela de quem tudo se esperou no caminho do progresso e do amor, da justiça, da fraternidade e dos direitos HUMANOS.

Pela Sociedade Civica:

Máxima de Magalhães Santos Silva, presidente, e demais diretoras: Ceuira Riedel Figueiredo, Henriqueta Mendes do Rego, Elvira Scorsa, Inês Lacerda, Graida A. Camargo, Gilberta Atran von Pfluh.

Pela Assistência à Infância de São Vicente:

Maria de Carvalho Braga, presidente, e demais diretoras — Maria Luiza Infantini, Laura Scorsa Prates e Olga Joppert.

Maria Gay de Mendonça, presidente, Inês Vilela, tesourreira.

Pela Federação de Mulheres de Santos:

Olga Joppert, presidente, e demais diretoras: Judite Sandenbera Silva, Miriam Mendes Magalhães, Rosa B. Rottman, Albina Angela Lovato e Gerazama Gomes Vas".

ESTADO DO RIO

(Da representante de MOMENTO FEMININO, Henriqueta de Almeida Ribeiro).

NOVA IGUAÇU teve domingo o

seu dia de festa. Foi verdadeiramente uma apoteose a festa civica ali realizada. Quem assistiu a parada dos jovens de certo regressou para casa com uma vontade dominadora de reerguer este Brasil tão nosso e tão cobinado.

Todos os colégios desfilarão, cada qual mais orgulhoso de si e mais cheio de entusiasmo, envergando suas tardas bem limpas, engomadas e de cores variadas.

No meio de todos os colégios, destacaram-se as moças e rapazes de um deles, que não ostentavam tardas de boa casemira. Com uma simplicidade destacante, vestindo as meninas saias de linon branco, blusa olimpica e tê-

nis branco, pareciam até, naquele momento de cabeças jovens e esperançosas, verdadeira promessa de paz a todas as 750 crianças que representavam o Grupo Escolar "Rangel Pestana".

Estava muito bem organizado em pelotões na seguinte ordem. Comissão de frente, com meninos de bicicletas; Jardim de Infância, com 15 crianças de aventalzinho branco e grinaldas de flores no braço; em seguida, nossa querida bandeira nacional, toda enfeitada e conduzida garbosamente por um aluno de cor preta, que recebeu grandes aplausos; depois vinham os pelotões de esporte, de saúde, de merenda, com a flâmula da merenda de trabalhos manuais, agrícola, tudo com a mais perfeita organização. O corpo de professoras, em colima de quatro, elas também com vestidos e tênis brancos, acompanhavam o desfile patriótico no dia de sua data civica.

A CARESTIA DOMINA PORTO ALEGRE

QUADRO DE PREÇOS DOS GÊNEROS

	CR\$	CR\$
Feijão preto	3.00	
Feijão branco	4.00	
Batatas brasileiras	4.00	
Batatas holandesas	5.50	
Açúcar	3.10	3.50
Arroz	3.00	3.60
Canha	16.50	
Charque	11.00	
Linguiça	13.00	
Manteiga	32.00	
Farinha de Milho	2.50	
Farinha de Mandioca	1.10	
Farinha de Trigo	4.90	
Maizena em quilo	7.00	
Maizena em Pacotes	1.80	3.50
Café empacotado	13.50	
Café a granel	10.50	
Mel	7.00	
Cesta de porco salgada	9.00	
Massa	12.00	
Massa de tomate	2.40	2.80
Eclachas	12.00	14.00
Fão	6.00	
Leite condensado	5.20	
Queijozinho, litro	1.70	
Leite fresco litro	3.50	

LUIZ VERNECK DE CASTRO

ADVOGADO

Rua do Carmo, 49 - 2.º Sala 2. — Diariamente, de 12 às 13 e 16 às 16 horas.

Exceto aos sábados — Fone: 23-1054 —

— Não, Tom, não é papai que quer! respondeu Maggie, contendo a própria agitação com a preocupação a respeito do rapaz. Que não faria ele quando lhe contasse tudo? E completou: — Mamãe é que deseja que você vá. — coitada de mamãe! Ah, querido Tom! Está uma coisa horrível, lá em casa!

Os lábios de Maggie se tornaram brancos, e ela começou a tremer como Tom fizera. Ambos tremendo, um de pavor, a outra ante a imagem de terrível certeza, — os dois se estreitaram num abraço. Quando Maggie falou, foi pouco mais de um sópro:

— E... e... pobre de papai...

A menina não podia continuar. Mas a pausa era intolerável para Tom. Uma vaga idéia de prisão, em consequência da dívida, foi a forma que o seu pavor começou a tomar. E perguntou impaciente:

— Onde é que papai está? Diga Maggie, diga!

— Está em casa, — respondeu Maggie achando mais fácil apagar-se à pergunta. — Mas tão diferente! Caiu do cavalo... Até agora não reconheceu ninguém, nem eu... Coitado do papai!

A essas palavras, os soluços irreprimíveis de Maggie rebentaram com mais violência. Tom sentia um aperto de coração impedindo-lhe as lágrimas. Não tinha visão distinta dos fatos, como a irmã, que vinha de casa, mas sentia a ânsia cruciante das desgraças irreparáveis. Apertou mais o abraço em que prendia Maggie soluçante. Sua face permanecia rígida e seca, tinha os olhos turvos, como se negra cortina de nuvens os empanasse de repente.

Maggie afastou-se abruptamente. Um pensamento a assaltara como uma agulhoada.

— Nós precisamos ir, Tom! Papai acha falta em mim, e temos de estar no paredão para apanhar a diligência às dez.

Ela disse isto decidida, enxugou os olhos e levantou-se para pegar o chapéu.

Tom seguiu o mesmo impulso e levantou-se também:

— Espere um pouco, Maggie. Eu preciso falar com o sr. Stelling e dizer que me vou embora.

Lembrou-se de que tinha de ir a sala onde os outros estavam: estavam, mas em caminho encontrou Stelling a quem a mulher dissera que Maggie parecia aborrecida ao perguntar pelo irmão. E agora, achando que os irmãos já se tinham falado bastante, ia o professor à sua procura para saber o que havia e oferecer-lhes os seus préstimos.

— Desculpe, senhor, mas eu preciso ir para casa — disse Tom de chofre, ao encontrar o mestre: — Preciso sair já, com minha irmã. Meu pai perdeu a questão em juízo, — perdeu tudo que tinha — e está muito doente.

Stelling era homem de bom coração. Entreviu a perda de dignidade que isso lhe acarretaria, mas não deu importância a sua impressão diante da piedade com que via os dois irmãos, para os quais a mocidade e o sofrimento tinham começado juntos. Quando soube como viera Maggie, e como estava aflita para voltar logo para casa, ele lhes apressou a partida, sussurrando alguma coisa à sra. Stelling, que o seguira, e que imediatamente deixou a sala.

Tom e Maggie, parados à porta, estavam prontos para sair, quando a sra. Stelling veio com um cestinho, que pendurou no braço da menina, dizendo: — Não deixe de comer alguma coisa no caminho, meu bem. — O coração de Maggie pulsou por essa mulher de quem não gostava, e ela a beijou em silêncio. Foi o primeiro sinal percebido pela menina do valor dum presente de consolação, da

CAPITULO VII

Transpostos os portões dourados

Assim chegou Tom ao quinto semestre, em King's Lorton. Já estava com dezesseis anos, enquanto Maggie crescia com rapidez que suas tias julgavam muito repreensível, no internato de Miss Firniss, na velha cidade de Laceyham do Rio Floss, tendo por companhia sua prima Lúcia. Nas primeiras cartas a Tom ela sempre mandava muitos afetuozos a Felipe e fazia muitas perguntas sobre o amigo que eram respondidas com frases breves sobre a dor-de-dentes de Tom, uma cavalariça que ele estava ajudando a construir no jardim, e outras coisas da mesma especie. Ela ficou triste ao ouvir Tom dizer, nas férias, que Felipe estava cada vez mais esquisito e sempre cacetete. Já não eram bons amigos porque a menina F quando ela advertiu o irmão de que devia sempre ser amigo de Felipe, que fora tão bom quando seu pé estava doente. Tom respondeu: — "Mas não é minha a culpa! Eu é que não faço nada contra ele". Raramente Maggie encontrou Felipe, durante o tempo de escola: nas férias de S. João ele ia sempre para a praia, e nas de Natal e'a poucas vezes o via, de longe em longe, nas ruas de St. Ogg's. Quando se encontraram ela se lembrou da promessa de beijá-lo, mas, agora que uma tal atitude não podia ser tolerada, e nem Felipe esperaria isso. Era uma promessa impossível, como tantas outras promessas que se fizeram no Eden antes da separação das crianças e quando as flôres estreladas cresciam lado a lado com os pessegos maduros — impossíveis de ser mantidas, uma vez transpostos os portões dourados.

Quando seu pai de novo se empenhou na já célebre questão judicial, e Wakem, como procurador de Pivart e do velho Harry, agiu contra ele, sentiu Maggie, tristemente, que outra vez já sua gente não podia ter qualquer intimidade com Felipe. O simples nome de Wakem tornava seu pai zangado; e ela já o ouvira dizer que se aquele corcunda vivisse e herdasse os ganhos tão mal havidos pelo pai, haveria de ser amaldiçoado. "Na escola, chegue-se a Felipe o menor possível, meu filho", recomendara o sr. Tulliver a Tom. E sua ordem fôra prontamente obedecida, tanto mais que o sr. Stelling tinha mais dois alunos nessa época, pois se a trajetória desse cavalheiro pelo mundo não tinha a rapidez de um meteoro, que os admiradores de sua eloquência extemporânea esperavam de um pregador cuja voz atingia esfera tão ampla, tinha contudo bastante ralo na prosperidade para autorizar e aumentar seus gastos em continua desproporção com a sua renda.

O curso escolar de Tom seguia com monotonia semelhante a do moinho, e seu espirito movia-se, vagaroso, meio sufocado entre idéias desinteressantes ou ininteligíveis. Mas nas férias ele levava sempre para casa desenhos cada vez maiores, com paisagens rindadas e aquarelas verde vivo, bem como cadernos manuscritos, cheios de exercícios e problemas, nos quais a caligrafia era ótima, pois nela o rapaz caprichava de fato. E levava também um ou dois livros novos, indicando seu progresso em diferentes pontos da História, da doutrina cristã ou da literatura latina, pontos que lhe traziam algum resultado além do da posse dos livros. O ouvido e a lingua do rapaz acostumaram-se a muitas palavras e frases que são tidas como

GRAFOLOGIA

CICI — Fortaleza, Ceará — Uma vida serena e feliz. Proteção e comodidade não lhe têm faltado, nem mimos e facilidades. Em consequência, você é uma princesinha autocrática e muito superior... Há porém, uma sombra de tristeza e descontentamento, certas ambições sentimentais que não foram alcançadas. Há, também, traços de crueldade friamente calculada, capaz de consentir planos de vingança terríveis. É muito inteligente e muito vaidosa dessa inteligência, da qual aliás, não tira o partido que devia, porque superestima a sua capacidade, criando ambientes pouco favoráveis. Um novo rumo às suas incursões literárias, de sentido mais objetivo e menos pessoal, poderia abrir-lhe caminhos para a consagração, sua personalidade está ainda prejudicada pelos elos fáceis e pelas vaidades da família. É muito temperamental. Ciumenta e audaciosa.

LETINHA — Fortaleza, Ceará — Agora, temos uma natureza delicada e sensível. Uma extraordinária sensibilidade artística, um verdadeiro senso estético e um bom senso apreciável. Tem tido uma grande luta na vida e os sobressaltos que tem sofrido, embora estimulando a sua perspicácia e a sua compreensão da realidade, também têm perturbado o seu progresso intelectual. É metódica e razoável em tudo. Sabe realizar seus projetos com verdadeira prudência e inteligência. Além

existe em sua vida que lhe retém os movimentos. E o seu anseio supremo é: — liberdade!

ASTRO — ? — Sua letra... a curiosidade intelectual. Desejo de progresso amor à justiça. Espírito tranquilo, alegria e serenidade. É sentimental e emotiva. Sugestionável e supersticiosa, mas raciocina lindamente e com a idade há de se emancipar dessas coisas. É muito romântica e apaixonada, vibrando intensamente à presença ou à simples lembrança do herói de seus sonhos. É voluntariosa, independente e ajudadora. Muito delicada e gentil. Aposto que também é bonita...

ANA VALERIA — ? — Apenas o cupido. Ana Valéria? e aquela grande folha inteiramente em branco? Infelizmente nada posso dizer, assim. Escreva algumas linhas e assinne. Espero que volte.

GATA RUSSA — Rio — Você é uma mulher cem por cento. Muito do lar, dos filhos e do marido. Mas nem por isso ficará em plano inferior, muito ao contrário, sabe agir

com desenvoltura e superioridade cumprindo seus deveres com inteligência e devotamento. Gosta muito de ler e assimila bem os assuntos, tem bom discernimento. Gosta muito de música e de poesia. Do cinema, do teatro, mas exige que tudo tenha um verdadeiro sentido humano, ou prático. Detesta as vaidades e futilidades, apreciando apenas as belas coisas reais...

IGUATEMY A. MARINS — ? — Nervosismo, impaciência, sentimentos descontrolados e descontrolados. É muito agitado e sensacionalista. Um rouco boateiro mesmo. Mas que belo coração! Suas intenções são sempre angélicas. Todavia nem por isso deixa de ser um pouco perigoso. É muito genioso e desconfiado. Humano e autoritário. Entretanto, é honesto e verdadeiramente consciente de seus deveres.

BABY — Rio — Uma flutura de romance ou lenda. De novela ou grama. É o que você acredita ser. Suas afecções não são muito duradouras e frequentemente você muda de opinião. É muito imprudente e não calcula os abismos que bordejam o seu caminho. Vaidade e levandade, mas até por isso você costuma agir num sentido útil e objetivo. Ainda bem.

ARARIGBOIA — Rio — Energia e tenacidade. Sentimentalismo, sem pleuguice. Bom senso e bom gosto. Raciocínio claro e objetivo. Capacidade de penetração, ansiedade, aspiração efetiva, sonhos ou castelos de felicidade. Resolução firme e grande capacidade de persuasão. Sua tenência principal é orientadora, você é capaz de comandar eficientemente uma grande família. Tem um perfeito senso de oportunidade emotiva e muito sensível, são frequentes os seus grandes momentos de expansão, de lágrimas mesmo. Mas não se refaz. A energia logo retoma seu domínio pleno. Tem uma grande atração por todas as manifestações de arte, principalmente a música. É muito delicada e sentimental e absolutamente altruísta. Grata pelas amabilidades.

CIRA — Rio — Um temperamento ardente e impulsivo. Muita generosidade e pouco senso de responsabilidade. Gosto das discussões de fundo instrutivo. Maneirosa e sutil. Auto domínio completo e muita habilidade... Superioridade e desconfiança pelos preconceitos. Atividade intensa.

AMOR — Rio — Uma grande delicadeza de sentimentos, uma extraordinária emoção. Devotamento e abnegação, ternura e bondade. Nenhum cálculo nos seus planos de

reflexão nenhuma prudência na sua realização. Por isso muitas lágrimas e tristezas. Todavia não se abate, está sempre disposta a enfrentar a vida sózinha. E sua honestidade é um padrão.

CARINHOSA — ? — Tendência doméstica. Delicadeza de sentimentos, receios, superstições, ciúme. Sua inteligência é clara e potente, você pode desembaraçar-se desses atalhos e seguir um caminho amplo e iluminado. Seu pensamento é cheio de luz e se às vezes fica sombreado, é porque alguma coisa exterior se projeta nele... É muito sentimental e romântica. Deve gostar muito de prata, de luvas e de canções ao violão.

NEZCA — ? — Uma alta capacidade de ação, revela a sua letra. Atividade e tato para a convivência. Facilidade de manifestação pela palavra falada ou escrita. Impetuosidade de gênio, nervosismo. Tendência científica, estudo e experimental. Atividade intensa, dedicação, capacidade de realização e de comando. É muito emocionada e irrequieta. Mas sabe controlar-se. No amor é exigente e arrebatada. Nada de meios termos. Tudo ou nada. Mas nunca se engana, tem uma perspicácia agudíssima...

A LETRA REVELA A PESSOA!

PEÇA UM RETRATO GRAFOLOGICO

Nome

Pseudônimo

Inclua uma página manuscrita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO

NICE FIGUEIREDO

ADVOGADA

Esc.: Av. Pres. Antônio Carlos, n. 207 — S/302-A

— Telefone 25-0347 —

siniais de boa educação, e se bem que ele não houvesse aplicado a sua atenção em qualquer dessas lições, elas lhe haviam deixado um depósito de noções vagas, fragmentárias e sem aplicações. O sr. Tulliver, que julgava a instrução coisa acima da sua crítica, pensava que provavelmente a educação de Tom marchava bem, e apesar de observar que o filho não desenhava mapas e nem apresentava resultados visíveis, não se queixava formalmente do Rev. Stelling. Era um negócio complicado, esse de escolas, e se ele tirasse o filho, para onde poderia mandá-lo, com melhor resultado?

Quando Tom atingiu o último trimestre em King's Lorton, os anos haviam feito nele grandes mudanças desde que o vimos voltando da escola do S. Jacó. Agora ele é um jovem alto, caminhando sem o menor acanhamento falando sem a timidez sintomática de um misto de orgulho e de falta de confiança em si. Usava paletó talhado e colarinho alto, velava impaciente pelo buço do lábio superior, provocando-o todo dia com a navalha ainda virgem com que se havia munido nas últimas férias.

Felipe já partira, no outono, pois precisaria seguir para o sul, no inverno, a bem da saúde. E essa mudança contribuíra para dar a Tom a impressão incontida e exultante que em geral nos acompanha os últimos meses, antes de deixarmos a escola. Nesse trimestre, também, havia esperança de ser decidida a questão judicial em que seu pai estava envolvido, o que fazia mais agradável a expectativa de voltar para casa, pois Tom, que inferia da conversa do pai a sua opinião sobre o caso, não tinha dúvidas de que Pivart seria vencido.

Durante várias semanas não teve o rapaz notícias de casa, o que não o surpreendia muito porque seus pais não se inclinavam a manifestar afeição em cartas desnecessárias. — Quando, com grande surpresa sua, na manhã escura e fria de fins de novembro, disseram-lhe, logo que entrou na aula das nove horas, que sua irmã o esperava no salão. Foi a sra. Stelling quem entrou na biblioteca para avisá-lo, deixando-o ir sozinho ao encontro da mocinha.

Maggie também estava alta agora, de cabelos erguidos e trançados. Aos treze anos, tinha quase a mesma altura que Tom, e parecia realmente mais velha do que ele na ocasião. Tirara o chapéu. Suas grossas tranças, puxadas para trás, sobre a nuca, davam a impressão de que era demasiado o peso que tinha de sustentar. No rosto da jovem havia uma expressão estranha, quando seus olhos se voltaram, ansiosos, para a porta. A entrada de Tom, ela nada disse. Caminhou para ele, enlaçando-lhe o pescoço com os braços, e beijou-o carinhosamente. O rapaz estava acostumado com variados gestos da irmã, e não se alarmou com a seriedade do seu comportamento:

— Porque é que você veio tão cedo nessa manhã fria, Maggie? Você veio no carro aberto? — perguntou-lhe Tom, acompanhando-a ao sofá, onde se sentaram.

— Não, vim na diligência. E vim a pé, desde o paredão.

— Mas porque é que você não está no colégio hoje, se as férias ainda não começaram?!

— Papai quis que eu fosse para casa, disse Maggie com um ligeiro tremor nos lábios: — E eu voltei há três ou quatro dias.

— Ele não está passando bem? indagou Tom, ansiosamente.

— Não está. Anda muito aborrecido, Tom. A ação terminou, e vim lhe contar, porque julguei melhor você saber disso antes de ir para casa. Não achei suficiente mandar-lhe uma carta.

— Mas papai não perdeu a ação, não? inquiriu o rapaz, levantando-se do sofá, e parando diante da irmã com as mãos metidas nos bolsos.

— Perdeu, Tom, respondeu Maggie, trêmula, olhando para ele. Tom permaneceu silencioso, uns minutos, fixando os olhos no chão. E disse:

— E papai agora tem de pagar muito dinheiro?

— Tem — murmurou a mocinha.

— Bem, que é que nós podemos fazer? — Tom, corajosamente, não encarava a perda duma grande importância como um resultado tangível. — Mas papai deve estar muito triste, eu imagino! acrescentou, olhando para Maggie, pensando que o rosto agitado da irmã era mostra do seu medo feminino de encerrar as coisas.

— Está, disse ela ainda num murmúrio. Depois, impelida a maiores explicações pela ausência de preocupação do rapaz, acrescentou, profunda e rapidamente, como se as palavras lhe rebentassem do seio: — Oh, Tom, ele vai perder o moinho e as terras tudo! Vai ficar absolutamente sem nada!

Os olhos de Tom estavam na superfície, aliás, ele embaldacear e comecar a tremer visivelmente. Nada disse. Sentou-se de novo no sofá, olhando vagamente através da janela do lado oposto.

Jamais entrara no espírito de Tom a ansiedade pelo futuro. Seu pai montara sempre num bom cavalo morara numa boa casa e teve sempre o ar jovial e confiante dum homem cuja prosperidade não declinaria. Jamais Tom haveria de pensar que seu pai iria falir, forma de contratempo da qual ele ouvira falar sempre como de uma grande desgraça. E desgraça era uma idéia que o rapaz não podia associar a ninguém das suas relações, menos ainda a seu pai. Um senso orgulhoso de respeitabilidade de família fazia parte do ambiente em que Tom nasceu e cresceu. Ele sabia que havia em St. Ogg's muita gente que fazia ostentação sem dinheiro, e sempre ouvira os seus amigos falarem dessa gente com desprezo e reprovação. Sempre acreditara, como hábito de toda vida, que o pai poderia gastar muito dinheiro sempre que quisesse; e desde que o seu estudo no colégio de Stelling lhe dera certa idéia do custo da vida, ele sempre pensara que quando ficasse mais velho iria fazer figura no mundo, com cavalos, selins, cachorros e outros atributos dum jovem fino, e mostrar-se igual a muitos dos seus contemporâneos de St. Ogg's, que se consideravam um grau acima dele, na sociedade, por serem filhos de homens formados ou proprietários de grandes engenhos movidos a óleo. Quanto aos prognósticos e sacudidas de cabeça de suas tias e tios, nunca produziram nele o mínimo efeito, exceto o de considerar tios e tias como gente desagradável. Sempre os ouvira criticar e descobrir defeitos nos outros, mas seu pai sabia mais que eles todos.

O buço nasceu no lábio do rapaz, mas seus pensamentos e esperanças eram ainda a reprodução, em outra forma, dos sonhos infantis em que vivia há três anos.

Maggie ficou assustada com o silêncio e a palidez de Tom. Tinha ainda alguma coisa a dizer-lhe, — alguma coisa pior. Por fim, abraçando-o, falou quase em soluços:

— Ah, meu querido Tom, não se aborreça tanto, rapaz.

Tom estendeu a face, passivamente, aos beijos da irmã, e os seus olhos se umedeceram com lágrimas que a mão enxugou. A cena parece que o moveu, pois o rapaz afastou-se e disse: — Eu também vou para casa com você, Maggie. Papai não disse que eu devia ir?



MORNING MOÇA

«AS NEW LOOKS»

NORMA LILLIAN

Sabem que achei encantadora a moça das saias compridas, dando às moças mais feminilidade, lembrando-nos os tempos de nossos avós, do tempo das grandes valsas, as saias "baião"?

A mulher nunca adquiriu tanta personalidade e tanto "it" como com a moda das saias compridas.

É encantador a gente vê as "new looks" enfeitadas de rendas, fitas, babados etc., dando ao formato feminino mais elegância.

A mulher ultimamente estava saindo fora dos seus costumes, isto é, usando modelos inadequados: usando altos "tarzans" e saias curtas muito justas, ficando assim com quase um formato do físico masculino, ora porque os quadris estreitos e os ombros largos, quando o que devem procurar, se não tiverem corpo bem feito, fazerem vestidos de acôrdo, isto é saia bem franzida formando um bonitos quadris, cintura fina e busto com recortes e enfeites delicados.

Sei que estamos nas vésperas da Primavera e teremos mais um Inverno, e não para o Verão. Pois bem, vocês sabem como é que podemos resolver esse problema sem que as saias compridas percam seu valor? Ora é muito simples, basta serem feitas de tecidos leves e no comprimento mais ou menos de 15 centímetros abaixo do joelho.

"O SEU LIVRO PREDILETO"

Tôdas nós ao lermos um livro, o achamos interessante. Nunca há livros ruins, pois, qualquer que seja, sempre nos trará alguma coisa de bom, momentos de distração, conselhos, exemplos, palavras novas, enfim, por mais ruim que seja, trãnos alguma coisa de bom que às vezes não percebemos ao acabarmos de lê-lo, mas talvez mais tarde, quando nos acontece alguma coisa, havemos de lembrar aquêlê livro lido por nós.

Entre todos os livros que já tenhamos lido há sempre um que nos deixou maior impressão. Gostaria minhas amiguinhas que algumas de vocês falassem sobre o livro que "vocês mais gostaram".

Vou comentar para vocês em

poucas palavras o livro que mais gostei e que de vez em quando torno ler, pois o tenho em minha pequena bibliotéca. O livro é "O Robison Suiço", é uma coisa maravilhosa. É a história de aventuras de uma família que naufragara em uma viagem, salvando-se a nado, dando em terras estranhas e desconhecidas, onde viveram mais de dez anos, ali fundaram uma aldeiazinha, fizeram plantações, criações de aves e, que mais tarde foram salvos por terem achado em outra parte da praia um velho forte, com um velho canhão. Ao subirem no forte avistaram de longe um navio e com o auxílio do canhão, fizeram sinal ao navio e foram salvos.

Se fôsse só isto o livro não era interessante. O que mais me impressionou foram os momentos em que eles lutaram contra os terríveis animais da floresta para se porem a salvo e na busca de alimentos. Pois é minhas amiguinhas, este foi o livro que até hoje me deixou melhor impressão. E vocês o que é que me contam?

"FALEMOS UM POUCO DAS DIVERSÕES"

Sei que a maior parte de minhas colegas gosta de cinema, mas eu gosto mais sabermos de que? De passear nos campos, apreciar as coisas belas da natureza, claro que gosto também de cinema, e meus filmes prediletos são os technicolor musicados, assim quando apresentam Betty Hutton, Betty Grable, Dany Kaey, Denis Morgan e outros.

Gostariam vocês de fazerem um bom "pic-nic"? Eu sei que sim. Que tal uma de vocês queridas leitoras de minha seção, enviar uma pequena colaboração sobre esse assunto? Podem também enviar um retratinho que terei muito prazer em publicar. Ao inaugurar esta seção eu disse a vocês que esta era a "nossa seção", que tôdas poderiam enviar correspondências e colaborações para serem publicadas como também, os seus retratinhos, aniversários, batizados de seus maninhos, enfim tudo o que quiserem, pois esta seção é de tôdas nós, mocinhas

TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL CLÍNICA E CIRURGIA DE SENHORAS DR. CAMPOS DA PAZ FILHO

Ginecol. da CAP da Light — Laureado pela Academia Med. — Consultas com hora marcada — Edifício Carioca, sala 218 — às 16 horas — Tel. 42-7550



ALTINO em três poses, no dia de seu primeiro aniversário. Parabéns para Jorge e Arlete

MOMENTO FEMININO

SOCIAIS

FESTAS

Reinou grande alegria no lar do sr. Roberto Morena e dona Maria Eugênia, no dia 15 do corrente por ocasião do aniversário natalício de seu lindo filho Carlos Frederico. Grande número de amigos do casal, acompanhados dos amiguinhos do aniversariante foram saborear os doces, levar presentinhos e cantar o tradicional "Parabens p'ra você" ao apagar das duas velhinhas do bolo de Carlos Frederico.

NOIVADO

EM SANTO ANDRÉ

Oficializou o seu noivado a nossa distinta amiga Maria Oiakawa, assídua leitora de MOMENTO FEMININO, com o sr. Pedro Kiguchti.

NASCIMENTO

A graciosa menina Sônia, filhinha de nossa amiga Maria e seu esposo Francisco Siedler, no dia 31-7.

ANIVERSARIOS

Fizeram anos, dia 12, Lidia Colalillo Ceccon e Carmen Prioli; dia 22-8: Juventina Greco Prioli e a menina Lidia, filhinha de Nubia e Guido Poianas.

Farão anos: dia 3-9: Lorycy Taranto; 6-9: Armelinda Bedim da Silva; dia 7-9: Tereza Oiakawa; dia 9-9: Rosa Nagata.

As aniversariantes são tôdas nossas amigas, leitoras do querido MOMENTO FEMININO.

Transcorreu dia 8 de setembro mais um aniversário de casamento do casal Antonio Hassuti-Dulce Hassuti Pinto, nossos leitores e amigos. Ao feliz casal os nossos votos de felicidade".

Faz anos no dia 15 de setembro a sra. D. Raimunda Cordeiro de Oliveira, residente em Camocim — Estado do Ceará. A aniversariante mãe de Guiomar Cordeiro de Oliveira correspondente e representante de MOMENTO FEMININO em Camocim.

Dia 2 do corrente comemorou seu aniversário nossa amiga Elvira Fernandes, de Juiz de Fora (Minas Gerais).



Faz anos a 19 do corrente a garotinha Regina Pereira de Freitas. Seus papás, nossos amigos Aurea Pereira de Freitas e Silvio Gomes de Freitas oferecerão à rua América 41, casa 6, uma bonita mesa de doces aos amigos.

CARLOS FREDERICO fez dia 15 do corrente dois anos de idade. Seus papais, nossos amigos comemoraram a festa de Carlos Frederico.

Nossa amiga Catarina e seu esposo, o deputado Pedro Pomar festejaram, a 12 do corrente, o aniversário de Eduardo que está ficando um homem.

Fez anos a nove deste mês, d. Iracema Goto, esposa do sr. Takeo Goto.



CARLOS FREDERICO

Associações Femininas

UNIÃO FEMININA DE RIACHUELO

Esta União tem sido uma das mais ativas no Distrito Federal, servindo de exemplo às demais, pois em tôdas as oportunidades procura defender os interesses das donas de casa do bairro.

Foi assim que, na falta de um caminhão de verduras e de uma "vaca leiteira", através de um trabalho persistente e organizado, conseguiram as mulheres da U. Feminina estas melhorias para a Estação de Riachuelo e para o bairro, respectivamente.

Por ocasião da falta de banha, há cerca de um ano, quando as mulheres ficavam horas e horas nas filas dos mercadinhos, esta União vendeu banha às suas associadas, a preço de atacado, tendo vendido na mesma ocasião outros gêneros, como arroz e feijão.

Realizaram o Natal das crianças pobres, tendo com isso a petizada passado um Natal feliz.

BATISADOS — Nossa amiga Cecilia Ferreira Rocha, moradora na Ladeira do Barroso 8 batizou dia 12 do corrente sua filhinha Cecilia.

Casou-se dia 5 do corrente em sua residência, à rua 9 de Julho, 1845, a senhorita Stella Alves Rego, de 19 anos, filha de Manoel Alves Rego e dona Celeste Silva Rego, de Goiás, com o sr. Vanda



Volp Dantas, com 24 anos, filho de Gercino Nascimento Dantas e dona Julieta Volp Dantas, natural de Goiás. Foram padrinhos: José Paes Bezerra e dona Silis Alves Bezerra, por parte da noiva, e Manoel Benjamim Miranda e dona Maria Miranda, por parte do noivo

Mensalmente é vendido sabão à Cr\$ 5,50 o quilo.

Havendo no Morro do Sampaio grande número de famílias necessitadas, as mulheres de Riachuelo fizeram uma distribuição de roupas nessa localidade, demonstrando assim seu espírito de solidariedade e prestando uma ajuda prática e moral às mulheres do morro.

Visando esclarecer a população sobre o problema da banha e da carne, foram organizadas duas "mesas redondas" sobre o assunto, onde foram demonstrados os principais responsáveis pela falta desses produtos e pelos aumentos sucessivos.

Ainda durante longo tempo, foi mantido um curso de corte e costura para as associadas.

Assim é, que trabalha a União Feminina de Riachuelo. Procurando cumprir a finalidade para que foi criada, que é a de defender e orientar as donas de casa nos seus problemas.

UNIÃO FEMININA DE CATETE E GLÓRIA

A União Feminina do Flacango, Catete e Glória festejou o seu segundo aniversário no dia 14 do corrente, terça-feira, com uma grande reunião comemorativa, em sua sede, à rua Marquês de Abrantes, 144, às 20 horas.

O ato em apreço, que constou com o comparecimento de associadas e amigas da União, bem como de representantes de associações femininas e culturais, foi presidida pela vereadora Lígia Lessa Bastos.

ASSINE

MOMENTO FEMININO

3 MESES CR\$ 12,00
6 MESES CR\$ 22,00
12 MESES CR\$ 40,00

Pedidos para a Gerente

Luiza Regis Braz
Caixa Postal, 2013
RIO DE JANEIRO.

Viagem através do petróleo

OCTAVIA REGIS KONDER

A palavra — Petróleo — está hoje em toda parte e em todas as bocas: nos jornais, nas filas, nas paredes, nos lares, nas conversas dos cafés, nas ruas, nas Casas Legislativas.

Na "Viagem Através do Petróleo" marcharemos com ele pelo tempo e em todas as latitudes, descobrindo sua importância e constatando as ligações existentes entre o problema do Petróleo e aqueles que nos afligem cada dia.

Começaremos hoje, amigas, que o caminho é longo e o tempo urge.

ORIGEM

Petróleo é um líquido oleoso, que pode ser incolor ou de cor escura, esverdeada, parda ou negra. Vem das profundezas da terra, onde, abrigado no seio da "rocha-mãe", se formou há milhões e milhões de anos, pelo depósito de quantidades incontáveis de moluscos primitivos.

O embate de águas, as convulsões da terra e a passagem das eras transformaram os montes de seres acumulados há milênios em vastos lençóis subterrâneos de lodo negro e pegajento, o PETRÓLEO.

A pasta escura e lodosa ficou soterrada, mas ansiando por tornar a superfície, ao sol. Esta pasta oleosa e de cheiro desagradável é o chamado *óleo bruto* ou *nafta*. Sempre que as condições o permitem, vai perfurando as camadas de calcário e sal que o recobrem e sobe em busca da luz. Se encontra águas, rios, lagos ou mares, espalha-se e perde-se através delas. Quando alcança a terra, transforma-se em asfalto. No caso, porém, de encontrar em seu caminho rochas do tipo chamado poroso ("rocha-reservatório"), aí estaciona e se deposita, até que o homem cave a terra e o liberte.

NOMENCLATURA

O nome PETRÓLEO vem do latim, da expressão "petro oilium" óleo das pedras, saído das pedras, que foi como o chamaram na Roma antiga.

Os persas o chamaram de "radinake" e no oriente era a "nafta", que em árabe quer dizer "o que escorre da terra".

Junto ao Mar Cáspio, na península de Apscheron, por onde se estende vasto lençol de Petróleo, o líquido atingiu a superfície e se espalhou pela região, despreendendo emanções de gases inflamáveis. A zona é árida, pobre; a terra é ressequida, quase nua, de vegetação difícil. Só o líquido espesso, pegajoso e fétido domina, amedrontando o homem primitivo.

Um dia, algum raio, ou uma faísca resultante do choque de pedras mergulhou no mar escuro. O óleo transformou-se em fogo, cujo incêndio gigantesco desafia o rolar dos anos.

Zaratustra, o profeta persa, cruzou por lá séculos antes de Cristo e maravilhou-se com a grandeza daquele fogo perpétuo, donde se elevam rolos de fumo que ensombrecem os céus. Viu ali um deus poderoso, ao qual reverenciou e saiu a propagar a religião do Ahura-Masda, os adoradores do Fogo.

Os adeptos, com o tempo, cresceram em número, especialmente Irã. Cada ano maior leva de peregrinos partia em visita à monumental fogueira da Apscheron. Mais de dois mil anos decorreram e hoje ainda, apesar de não haver mais fogo e, em seu lugar, se levantam torres de petróleo, fiéis organizam caravanas para prestar homenagem ao deus que ali se ergueu.

Por Apscheron passaram grandes vultos da História e não souberam avaliar a importância daquele líquido desagradável. Foi Alexandre, o Grande, o invencível conquistador do mundo antigo; foi Pompeu, à frente das legiões romanas; outros e mais outros passaram, conquistaram aquelas terras e desprezaram o óleo que continuava a correr, perdendo-se aqui acumulando-se acolá, mas inútil, desprezado.

Por onde corria, os povos o maldiziam porque esterilizava o solo tornava-o imprestável para a agricultura.

E as maldições se acumulavam provindas de indús, persas, povos da Ásia Central, etc., mas nenhum deles se lembrou de aproveitá-lo.



Candidatas à Rainha

As senhoritas estão concorrendo para a conquista de um reinado — o reinado do Brasil para o próprio Brasil. São encantadoras as concorrentes ao concurso de brasilidade — Tremeo animar o certame recebendo a vocês, leitoras algumas das mais preferidas até agora.

ELIETTE MATOS COSTA, com a garantia de seus fãs na Penha e Braz de Pina.

LEONOR BONOSO, uma encantadora jovem que Copacabana defende.

ROSEMARY LUPORINI — apresentada por Vila Isabel, o querido bairro de Noel Rosa.

NA CAPA — A CANDIDATA de "MOMENTO FEMININO"



CONFERENCIA FEMININA EM DEFESA DO PETROLEO

Em preparação ao Congresso do Distrito Federal

Realizou no dia 14, deste mês, terça-feira, às 18 horas, à Avenida Almirante Barroso 97, sala 608, a Conferência Feminina de Defesa do Petróleo, preparatória do Congresso do Distrito Federal, que o Centro Nacional de Estudantes e Defesa do Petróleo convocou para os dias 24 a 29 do corrente mês. A Comissão Feminina de Defesa do Petróleo encareceu a necessidade do comparecimento do maior número possível de mulheres e representantes das associações e uniões femininas para o debate das teses e eleição da delegação que representará as mulheres naquele importante conclave.